

Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de Geografia

João Gabriel Ferraz Wasconcellos

Skat'insubordinado:

Flâneurs sobre rodinhas

São Paulo

2017

JOÃO GABRIEL FERRAZ WASCONCELLOS

Skat'insubordinado

Flâneurs sobre rodinhas

Trabalho de graduação individual
apresentado ao Departamento de
Geografia da Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas para a
obtenção do título de bacharel em
Geografia.

Orientadora: Profa. Glória da
Anunciação Alves

São Paulo

2017

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof.: Glória da Anunciação Alves (orientadora)

Instituição: Universidade de São Paulo

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof.:

Instituição:

Julgamento _____ Assinatura: _____

Prof.:

Instituição:

Julgamento _____ Assinatura: _____

Agradecimentos

Agradeço em primeiro lugar aos meus pais, Nilson Batista Wasconcellos e Maria Sueli S. F. Wasconcellos, por todo apoio emocional e financeiro durante todo esse tempo em que estive na universidade. Acreditaram em um projeto de vida baseado na educação pública e apostaram em seus filhos na universidade. Deu certo!

Agradeço aos meus irmãos, Pedro Henrique F. Wasconcellos e Luis Fernando F. Wasconcellos, por tornarem esses anos mais divertidos e tranquilos; sem nossas conversas sobre o mundo e nossas risadas em casa quando voltávamos da faculdade esse processo seria bem mais complicado. Tamo junto!

Agradeço aos meus companheiros do “quarteto fantástico”, no qual estou incluído, formado por Samiyah Becker, John Yudi e Lucas de Melo, pois vivenciam toda essa experiência acadêmica e foram muito importantes para que eu enlouquecesse nas festas, mas não enlouquecesse (nós não enlouquecemos) em certos momentos da graduação. Agradeço também a Letícia Azevedo por toda companhia e carinho durante esse tempo. Lindos!

Agradeço a professora Glória por toda a paciência e carinho durante o processo da pesquisa, por me incentivar a estudar um tema pelo qual eu sou realmente interessado, mas que desenvolveram dúvidas acerca de sua relevância social e acadêmica. Obrigado, professora!

Agradeço a todas as pessoas que conviveram comigo durante esse tempo na Universidade de São Paulo, principalmente no vão do prédio dos cursos de Geografia e História. As conversas, os debates, as polêmicas serviram muito para eu abrir meus horizontes sociais e de costumes. Acredito que saio uma pessoa mais livre!

Agradeço a todos os skatistas do mundo (quem anda, quem não anda, quem só se interessa pelo universo, quem filma, quem edita, quem publica, quem fotografa etc) pela inspiração. Vocês são artistas do mundo moderno e tornam a vida mais bonita.

Um viva à arte e ao skate!

Resumo

WASCONCELLOS, João G. F. **Skat'insubordinado:** Flâneurs sobre rodinhas. 2017. 61 páginas. Trabalho de Graduação Individual – Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

Em um contexto mundial cada vez mais urbanizado, sob a influência do capitalismo industrial dos séculos dezenove e vinte, que conforma uma sociedade mecanizada e anestesiada a estímulos, a cidade torna-se um espaço essencial para entendermos as consequências dessa urbanização e as possíveis resistências que surgem em seu interior. O skate praticado na rua surge como uma alternativa de não-submissão a esse padrão social-mercadológico, mas sim de subversão por meio de sua expressividade urbana e artística. Seu aspecto insubordinado remete ao flâneur do século dezenove e à sua forma de experimentar a cidade com uma maior sensibilidade.

Palavras-chave: Skate de rua. Espaço público. Centro. Apropriação insubordinada. Ressignificação. Flâneur. Experiência.

Abstract

WASCONCELLOS, João G. F. **Insubordinate Skateboard**: Flâneur on wheels. 2017. 61 páginas. Trabalho de Graduação Individual – Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

In an increasingly urbanized world context, under the influence of industrial capitalism of the nineteenth and twentieth centuries, which forms a mechanized and anesthetized society with stimuli, the city becomes an essential space for us to understand the consequences of this urbanization and the possible resistances that appear within. Skateboarding practiced in the street appears as an alternative of non-submission to this social-market pattern, but rather of subversion through its urban and artistic expressivity. Its insubordinate aspect refers to the *flâneur* of the nineteenth century and to its way of experiencing the city with greater sensitivity.

Keywords: Street skateboard. Public place. Center. Insubordinate appropriation. Re-signification. Flâneur. Experience

Lista de ilustrações

Figura 1 - Criança andando de skate na Praça Roosevelt.....	11
Figura 2 - Releitura da obra "Abaporu" de Tarsila do Amaral.....	14
Figura 3 - Praça Roosevelt deteriorada antes da reforma.....	18
Figura 4 - Praça Roosevelt após a reforma.....	19
Figura 5 - Panorama da zona central da cidade de São Paulo	22
Figura 6 - Evento cultural organizado pela Nike no Vale do Anhangabaú.....	23
Figura 7 - Skatistas e um morador de rua no Páteo do Colégio	24
Figura 8 - Skatista entre os carros no Viaduto do Chá, centro de São Paulo	25
Figura 9 - Mapa das Subprefeituras da cidade de São Paulo.....	34
Figura 10 - Mapa ilustrativo com o recorte dos distritos da área central da Cidade de São Paulo analisados na pesquisa.....	34
Figura 11 - Luan de Oliveira, Praça da Sé.....	37
Figura 12 - Skatistas, Teatro Municipal de São Paulo	43
Figura 13 - Skatista em meio a multidão. Avenida Paulista.....	43
Figura 14 - Policiais advertindo um skatista sobre a proibição de utilizar os equipamentos de ginástica como obstáculos.....	46
Figura 15 - Skatista manobrando no Vale do Anhangabaú	48
Figura 16 - Skatistas, Praça Roosevelt	49
Figura 17 - Skatistas descendo a rua Consolação sentido Praça Roosevelt no Dia mundial do Skate	55

Sumário

Introdução	9
1 – O por quê do skate como objeto de pesquisa.	11
1.1 - Skate acadêmico?	11
2 – Espaço urbano, público, sua produção e apropriação	22
3 - Os Flanêurs de rodinhas	35
4 – De Skatista para Skatista	44
Conclusão	56
Referências bibliográficas.....	60

Introdução

O Skate surgiu na Califórnia em 1960. Devido à irregularidade das ondas nas praias da região, vários surfistas começaram a adaptar o surf para o asfalto, equipando suas pranchas com rodas e andando pelas ruas californianas; na década de 1970 esse esporte passou por um “boom” e cada vez mais os jovens começaram a praticar e consumir seus skates. É considerado um esporte radical pelo risco de quedas e lesões e por exigir uma condição física e psicológica, pois sua proficiência é verificada pelo grau de dificuldade das manobras executadas. Embora essa prática tenha passado por momentos de alta e baixa visibilidade, ela se desenvolveu com códigos, símbolos e experiências próprias, advindo dessa particularidade o sentimento que existe em todo skatista no quesito de não considerar a atividade um esporte e, sim, um “estilo de vida” com seu estilo próprio de se preparar para a prática, seu modo de praticar baseado apenas na diversão, evolução física e mental, e tendo a trilha sonora e a moda intrínsecas ao esporte. Contudo esses fatores citados não são um manual de instruções para o praticante e simpatizante do skate, mas, sim, o que ocorre com sua maioria. (Até porque o skatista possui em sua essência a habilidade de não respeitar regras e leis).

A pesquisa parte da análise das diversas formas em que a partir da prática do skate pode se dar a apropriação dos espaços urbanos na cidade de São Paulo. Demonstration e analisaremos os aspectos culturais dessa prática que, para seus praticantes, superam a simples denominação esportiva para uma expressão cultural, um “estilo de vida”, de seus praticantes pelas ruas da cidade. Essas características particulares dos skatistas os tornam próximos e formam, dentro de um ambiente marcado por diferentes formas de privação do espaço urbano (essa privação pode se dar por meio da propriedade privada, ou pela ausência de referenciais que aproximem o cidadão do espaço público - esse entendido como a centralidade do encontro, local de reunião da sociedade -), um grupo de cidadãos dispostos a vivenciarem a cidade de uma forma diferente, caracterizando-se como modernos *flâneurs* (do qual Baudelaire teorizou) da cidade de São Paulo, aqueles que vivenciam e experimentam a cidade e a práxis urbana de uma forma mais humana, exigindo uma nova vida em um outro tipo urbano. Essa crise da ideia de cidade no atual estágio do capitalismo mundial possui no Estado e no poder privado seus agentes, pois estes produzem e organizam o espaço apenas para o controle socioespacial baseado na reprodução das relações capitalistas, o espaço se transforma em uma esteira, uma zona de transição para as “mercadorias” (cidadãos e produtos) atravessarem de suas residências para o ambiente de trabalho e de consumo, não possuindo qualquer relação afetiva com este espaço, tornando-o organizado e funcional.

“Trata-se da necessidade de uma atividade criadora, de obra (e não apenas de produtos e de bens materiais consumíveis), necessidades de informação, de simbolismo, de imaginário, de atividade lúdicas...” (Lefebvre, 1968, p. 97).

Para entender como o Skate é uma forma de apropriação recreativa e insubordinada do espaço urbano atual, serão utilizados conceitos como o de “produção” e “apropriação” do espaço urbano, buscaremos esclarecer o que caracteriza e as diferenças de um “espaço público” do “espaço privado” e as características que dão um aspecto centralizador a uma área da cidade, tornando-a “centro” da cidade. A pesquisa começará buscando entender esse fascínio que o Skate causa em seus praticantes, essa vontade de viver dele e para ele, utilizar roupas que demonstrem que você faz parte dessa cultura, escutar músicas que te deixem com vontade de praticar, de conviver e se interagir com cidade e suas ruas. Após isso, ela tomará um rumo teórico e conceitual onde avaliará o espaço urbano, o espaço público e o centro histórico e as formas de disputa, apropriação e reorganização deste atualmente na cidade de São Paulo, sendo sinteticamente contextualizado historicamente o papel dominador e organizador por parte do Estado e, dos agentes privados, desses espaços. Após a contextualização dos dois focos principais da pesquisa, skate e espaço urbano, a pesquisa buscará avaliar a relação existente, posicionando a prática do skate nessa insubordinada apropriação espacial e seus desdobramentos culturais e sociais em São Paulo, através de processos empíricos como o trabalho de campo pelo centro da cidade a fim de obter o ponto de vista dos skatistas frente a essa visão mais teórica e social da prática que nos serão revelados por meio de entrevistas ou de diferentes linguagens – como a fotografia – que conversem com a temática da pesquisa, e que nos forneça um panorama real acerca da hipótese que desenvolveremos em todo o trabalho.

1 – O por quê do skate como objeto de pesquisa.



Figura 1 - Criança andando de skate na Praça Roosevelt. Foto do autor. Novembro/2017

O skate surgiu como opção recreativa da infância, como tantas outras atividades, por influência de familiares mais velhos (irmão) e por um fascínio estético gerado pelas roupas utilizadas por seus praticantes. Esse primeiro contato não causou tanto impacto, como toda criança que se interessa por um objeto e no instante seguinte aquilo já se tornou obsoleto, o skate perdeu seu lugar para o futebol que se tornou hegemônico em minha vida por bastante tempo. Contudo, mesmo me distanciando da prática, durante minha adolescência eu acompanhei a “cena” do skate, as mídias e campeonatos, o que me levava a uma autodenominação – extraída de uma definição do skatista Sidney Arakaki em seu blog “skataholic”¹ -: me considerava *skatista*, mas não um praticante do skate. Existem “praticantes do skate” que não são skatistas, não acompanham as mídias, os eventos, as revistas, campeonatos, o mercado etc. “apenas” andam de skate. Tenho para mim que a Geografia me trouxe novamente para o skate, pois cercado por uma nova visão de mundo, uma visão que analisava o homem e seu espaço, essas duas “atividades” se complementaram e

¹ <http://www.skataholic.com.br/2010/04/alguns-dos-38-mil-de-praticantes-de-skate-que-fazem-parte-das-estatisticas-do-brasil/>

fizeram total sentido para mim, principalmente quando comecei a observar de uma maneira específica a realidade urbana da cidade de São Paulo.

As cidades [...] são centros de vida social e política onde se acumulam não apenas as riquezas como também os conhecimentos, as técnicas e as obras (obras de arte, monumentos). (LEFEVBRE, 2001: 12)

Sempre observei o “andar de skate” de uma forma agressiva, permeado pela desobediência civil e por uma particularidade coletiva que se movimentava pelas ruas da cidade fazendo barulho, danificando equipamentos públicos e privados, discutindo com policiais e seguranças, se relacionando com moradores de rua (invisíveis para boa parte da população), com seus bonés e suas “roupas largadas” e “sujas” (sujo para o universo do skate é uma espécie de elogio). Quando adolescente eu os observava mais por vídeos e encontrá-los pessoalmente me causava certo desconforto, desconforto esse causado por uma mentalidade desenvolvida com conceitos e concepções socialmente construídas e penetrado por intencionalidades de grupos dominantes que vão nos materializando como sujeitos controlados por preconceitos. Esse pré-juízo negativo foi se transformando em admiração a partir do momento que comecei a me familiarizar com uma bibliografia especializada em analisar a cidade, o espaço urbano e sua apropriação. Perceber que os skatistas estão situados e se apropriando há anos de um espaço – a rua – que cada vez mais é negado aos cidadãos e que adquire um lugar de destaque no debate público contemporâneo por conta das manifestações culturais que pululam na cidade, manifestações como peças de teatro e shows ao ar livre como o ocorrido por “Diretas Já” no Largo da Batata (04/06/2017) e que conseguem enxergar e reutilizar esse espaço comum; como o carnaval de rua que também aparece como um exemplo de expressão/confraternização – cidade como local das festas para Henri Lefebvre – e que sobrevive em meio às adversidades diariamente impostas pelo poder público e privado conjuntamente. Essas festas, essa apropriação alternativa ao modelo hegemônico majoritariamente econômico acendeu uma chama que clareou minhas angústias e me incentivou a estudar e explicitar um caráter precursor dos skatistas nesse debate.

A rua para o skatista é seu habitat e seu palco de atuação, não costumando utilizá-la apenas como via para seu transporte, como fazem as bicicletas que no mundo atual adquirem status de alternativas e revolucionárias por parte da sociedade que as julgam menos poluidoras e violentas do que os automóveis individuais, e sua atividade demonstra um outro aspecto alternativo e insubordinado de apropriação, essa sendo qualitativa nos espaços urbanos e equipamentos públicos, aproximando sua característica das de um palco de teatro, onde os

atores interpretam e utilizam de forma visceral aquele espaço; há uma razão, um sentido para aquele local e não um objetivo a ser alcançado por meio dele. Continuando com a digressão teatral, a peça interpretada pelos skatistas diariamente derivaria do “Teatro do Oprimido” de Augusto Boal, arte de resistência e que possui como uma de suas características a busca em romper com a “quarta parede” - barreira do público com o ator - que geraria uma relação de poder, hierarquizada. Os skatistas e suas encenações no espaço urbano em nenhum momento fazem essa diferenciação, sua prática é realizada com e entre toda a multidão, fazendo parte da massa cotidiana e se identificando com essa. Porém, apesar dessa característica notável da prática (semelhante a do ator), essa se mostra incompleta frente a uma idiossincrasia dos skatistas que convivem nos espaços públicos.

Essa especificidade está no aspecto permanente – portanto contrário a presença passageira dos atores no palco - dos skatistas nesses espaços; o skate não passa pela rua, o skate vive na e da rua, é parte tão integrante desse espaço que o vulgo “rua” para um skatista – “esse skatista é rua” – é motivo de orgulho para o praticante; demonstra que ele está levando a sério esse exercício, que está exercendo do jeito mais puro e verdadeiro aquela atividade. Focando essa análise em um skate que se alimenta da rua, do espaço público – relegando a prática em locais apropriados como pistas e praças construídas pelo Estado ou por marcas e pelos próprios skatistas – notamos que essa especificidade costuma revelar julgamentos negativos (como os que eu já tive) por parte dos “não skatistas”, esses que possuem assertivas como: “molecada vagabunda que vive nas ruas”, “jovens que não trabalham, portanto não ‘cresceram’” e outras concepções que trazem a luz uma sociedade alicerçada sobre a mentalidade da produção e do trabalho e que não aceita a convivência com cidadãos que buscam viver de uma outra forma, trabalhar de outra maneira que não seja aquela - externa ao processo criativo de todo homem, alienado - que não consegue se justificar ou fazer qualquer sentido para o trabalhador.

O trabalhador, portanto, só se sente em si fora do trabalho; no trabalho sente-se fora de si. Só está à sua vontade quando não trabalha, quando trabalha não está no seu domínio. Assim, o seu trabalho não é voluntário, mas imposto; é trabalho forçado. Não constitui a satisfação de uma necessidade, mas apenas um meio de satisfazer outras necessidades. A estranheza do trabalho ressalta claramente do fato de se fugir dele como da peste, logo que não exista nenhuma coerção material ou de outro tipo. (MARX, 1844).²

² Trecho extraído do primeiro manuscrito econômico-filosófico “Trabalho Alienado” analisado em <https://www.marxists.org/portugues/marx/1844/manuscritos/cap02.htm>.

Cabe outra digressão nesse momento, pois essa pesquisa tem o objetivo de atrelar o skate como expressão artística frente à urbanização material e subjetiva da cidade de São Paulo. É válido pontuar esse aspecto infantilizado que os skatistas possuem para boa parte da população; Jay Adams³ (1961 – 2014), um dos skatista mais influentes de todos os tempos, integrante dos Z-Boys (grupo californiano da década de 1970 que revolucionou o universo do skate) dizia que “Você não para de andar de skate porque ficou velho. Você ficou velho porque parou de andar de skate.” E a arte moderna foi taxada da mesma forma quando do seu surgimento, muitas das críticas a seus artistas eram baseadas no aspecto infantilizador de suas obras; o que sempre demonstrou o conservadorismo desses setores da sociedade e a incapacidade de acompanhar as transformações sociais.

O homem de gênio tem nervos sólidos; na criança, eles são fracos. Naquele a razão ganhou um lugar considerável; nesta, a sensibilidade ocupa quase todo o seu ser. Mas o gênio é somente a infância redescoberta sem limites; (BAUDELAIRE, 1996; 16)

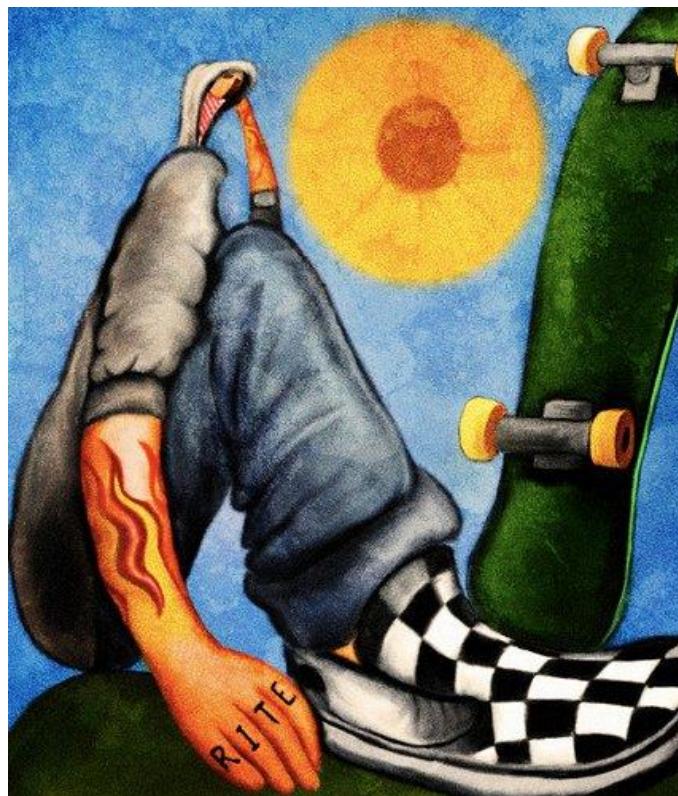


Figura 2 - Releitura da obra "Abaporu" de Tarsila do Amaral. Autor desconhecido (obtida no site "skatecuriosidade.com", 28/11/2017)

³ Skatista profissional, nascido na Califórnia. Entrou para o Hall da Fama do Skate em 2012.

Portanto essa pesquisa se mostra de extrema importância no auxílio para uma maior legitimidade e importância do skate no debate público contemporâneo acerca da utilização e apropriação da cidade por parte de seus sujeitos (cidadãos) e a geografia surge como um casulo referencial e teórico nesse contexto.

“Nesse sentido, acabar-se-ia com a separação cotidianeidade-lazer, vida cotidiana-festa em que a cidade se encontraria enquanto espaço do trabalho produtivo, da obra e do lazer. A cidade seria a obra perpétua dos seus habitantes, o que contraria a ideia de receptáculo passivo da produção e das políticas de planejamento. (CARLOS, 2001:33)

O aspecto ressignificador de espaços e equipamentos da cidade de São Paulo pelos skatistas possui uma forma dúbia, principalmente no centro (centro velho) da cidade, pois esses se apropriam historicamente desse espaço e frequentam locais que sempre foram estigmatizados pela sociedade por serem áreas degradadas, com fraca iluminação, com moradores de rua, com usuários de drogas, e que o governo abriu mão de qualquer assistência – parece que se toda a “escória” da “sociedade de bem” estiver em um espaço simbolicamente fechado e não ultrapassarem esse limite está tudo bem – contudo a presença de skatistas nesses espaços começou a fornecer uma imagem de segurança, um aspecto de vitalidade ao espaço pela quantidade de gente, pelos movimentos, pelo barulho e realizando uma missão (inconscientemente) opositora de toda essa imagem de insegurança urbana construída por meio da mídia e seus programas sensacionalistas, alimentando toda uma indústria de segurança particular e o fenômeno dos condomínios. Cabe uma maior atenção ao fenômeno da insegurança urbana nesse excerto, pois os skatistas nunca pareceram se importar com esse imaginário, contudo estando inseridos dentro dessa sociedade, são influenciados e contextualizados por esses fenômenos sociais. A insegurança urbana é um fato em um país tão desigual e violento quanto o Brasil, principalmente nas áreas periféricas das cidades que só encontram na polícia a presença do poder público; presença que se faz sentir traumaticamente, pois a polícia do país é a que mais mata no mundo, principalmente jovens negros⁴. Sendo assim, a busca por segurança particular seria justificada nesse contexto? Depende. A sociedade contemporânea tem sido alicerçada sobre uma “cultura do medo”, cultura que tem privado boa parte da população de um convívio e que tem causado estranhezas sociais e repressão por parte do Estado.

⁴<https://www.amnesty.org/en/latest/news/2015/09/amnesty-international-releases-new-guide-to-curb-excessive-use-of-force-by-police/>

Tema central do século XXI, o medo se tornou base de aceitação popular de medidas repressivas penais inconstitucionais, uma vez que a sensação do medo possibilita a justificação de práticas contrárias aos direitos e liberdades individuais, desde que mitiguem as causas do próprio medo.⁵

E a mídia, com sua missão de informar a sociedade, portanto com um grande poder conscientizador de determinada sociedade, possui uma grande influência na dissipação dessa “cultura” do medo com seu enfoque nos crimes violentos em seus jornais, como por meio de programas sensacionalistas que sobrevivem dessas notícias que estigmatizam determinados grupos sociais, justificam o aparelho repressor estatal e geram o fenômeno dos condomínios.

Há mais medo do que medo propriamente dito. A televisão tenta retratar os fatos de forma a tornar a informação o mais real possível aproximando os acontecimentos do cotidiano das pessoas e fazendo-as crer que aquela situação de risco poderá acontecer a qualquer momento dentro de suas próprias casas, nos seus grupos sociais. Assim, os telejornais propagam informações sensacionalistas através da exploração da dor alheia, do constrangimento de vítimas desoladas e da violação da privacidade de algumas pessoas.⁶

O fenômeno dos condomínios impacta profundamente o valor de uso dos espaços urbanos, pois com suas arquiteturas semelhantes às fortificações e todo simulacro de “convívio compartilhado” desenvolvido dentro desses espaços, as ruas tendem a esvaziar-se e surgem quadras e “bairros fantasmas” sem qualquer vitalidade social, aumentando a sensação de insegurança urbana, pois se tornam caminhos vazios sem qualquer possibilidade de auxílio por parte dos moradores do entorno. Cabe nesse trecho assinalar que dentro dessa classificação dos “condomínios” também estão os prédios comerciais como bancos, serviços públicos, shoppings centers que também contribuem para o vazio social nos espaços públicos. O sociólogo Pedro Bodê, coordenador do Grupo de Estudos da Violência da Universidade Federal do Paraná, avalia o fenômeno dos condomínios como:

(...) círculo vicioso: aumenta a fortificação e o medo e diminui a solidariedade. Este isolamento faz diminuir a sociabilidade e a interação entre as pessoas, principalmente de classes sociais

⁵ Boldt apud <http://justificando.cartacapital.com.br/2014/12/12/a-formacao-de-uma-sociedade-do-medo-atraves-da-influencia-da-midia/>

⁶ <http://justificando.cartacapital.com.br/2014/12/12/a-formacao-de-uma-sociedade-do-medo-atraves-da-influencia-da-midia/>

diferentes. Com isso, o espaço público míngua e aumenta a segregação social.⁷

Portanto os skatistas e suas vivências desenvolvidas majoritariamente nas ruas, em qualquer horário do dia, contribuem com um teor revolucionário e de resistência frente a essas ocupações que visam uma lógica funcional e financeira do espaço público e encontram nesse seu aspecto uma imagem de legalidade e de atividade esportiva quanto ao julgamento dos cidadãos comuns. Esse fenômeno de vitalidade que a prática do skate produz em espaços degradados e “fantasmas” encontrou projeção no centro da cidade de São Paulo no final da década de 1990, principalmente nas áreas do Vale do Anhangabaú, na Praça da Sé e principalmente na Praça Roosevelt – espaço de uma polêmica recente acerca da apropriação da praça – e que hoje em dia volta-se contra os mesmos e tenta estigmatizar e segregar os skatistas das áreas centrais da cidade.

O caso da Praça Roosevelt é bem interessante para elucidar esse semelhante dúvida do skate e para demonstrar o preconceito que a prática ainda sofre. A praça construída na década de 1960, entre as ruas Consolação e Augusta, virou uma grande área asfaltada, vazia, em meio à prédios residenciais, restaurantes e teatros que cresceram em sua volta. Durante o dia tornava-se um grande estacionamento e nos finais de semana era espaço de uma grande feira da região. A partir da década de 1970 entra em pauta um “projeto modernista” para a cidade, com um foco maior na abrangência do sistema viário, que modificou o significado da praça e a tornou multifuncional; segundo o arquiteto Marcos de Souza Dias, “A Roosevelt era mais que uma praça. Era um sistema viário, edifício e viaduto”⁸. Porém esse projeto de cidade e de utilização da praça se tornou obsoleto rapidamente e a degradação do espaço foi se acentuando, atingindo o ápice nas décadas de 1980 e 1990. A condição precária da praça, a violência e a sujeira espantaram os bares, restaurantes e teatros do entorno e a praça se tornou uma área evitada do centro de São Paulo. Até os skatistas se apropriarem e vitalizarem a Roosevelt – vitalizar no sentido mais literal da palavra, dando vida novamente ao espaço público -. Na década de 2000 ganha força uma possível nova reforma da praça, com uma maior participação da comunidade nas reuniões, com diversas entidades representativas que começaram a pedir o poder da fala nas questões relacionadas ao espaço que eles gostariam de

⁷ <http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/cameras-muros-e-a-sensacao-de-inseguranca-9a8vxv84qsgt1fv9ds9q7d3ri>

⁸ <https://acidadeinvisivel.wordpress.com/2013/03/31/revitalizacao-urbana-praca-roosevelt/>

frequentar mais vezes. Em 2012 a nova praça foi inaugurada, com outra estrutura, tornando-se uma praça mais humanizada, com uma maior integração com o entorno, com árvores, bancos, espaços livres e começou a ser demasiadamente frequentada durante os dias de semana e principalmente aos finais de semana por conta de projetos e ações culturais que são influenciadas/praticadas no local e também por conta da grande interação que existe entre os bares e os teatros com a praça. O skate continua na praça e é um dos movimentos mais importantes nesse processo de revitalização, pois participaram das reuniões e decisões acerca do novo projeto, porém sofrem constantes golpes por parte da própria comunidade que um dia se viu protegida por seus praticantes e hoje em dia lutam por sua proibição alegando que destroem o espaço público e que não deixam os cidadãos andarem tranquilamente pela praça.



Figura 3 - Praça Roosevelt deteriorada antes da reforma. Fonte: Raphael Falavigna, site: terra.com.br/acesso outubro/2017



Figura 4 - Praça Roosevelt após a reforma. Foto: Carlos Fortes, site: estadao.com.br/acesso:outubro/2017

1.1 - Skate acadêmico?

Quando resolvi pesquisar sobre o espaço urbano e focar esta no skate, conversei com alguns colegas skatistas e surgiu o pertinente debate: O skate deveria estar na academia? Nós precisaríamos dessa legitimidade intelectual que nunca entendeu (nem buscou entender) nossos costumes e nossas reivindicações? Como também é perceptível que muitos skatistas do dia a dia não param para pensar sobre essas questões teóricas advindas da prática – e não precisam também -, refletindo sobre essas questões político-sociais apenas quando são impedidas de andarem em algum local, pois esse passará por alguma reforma ou será fechado, ou quando precisam modificar algum equipamento público para proveito próprio de suas manobras. O meio acadêmico sempre possuiu uma áurea que, até mesmo por desconhecimento e um complexo de inferioridade dos cidadãos, o manteve distante de boa parte da população, incluindo os skatistas, contudo, temos presenciado o aumento do interesse quanto a estudos sobre a prática, com destaque para a dissertação “De carrinho pela cidade: A prática do street Skate em São Paulo.” do skatista e doutor Giancarlo Marques Machado e a monografia do Theo de Azevedo M. Q. Barbosa: “Skate de rua e o corpo na cidade: Um estudo de caso a partir do centro da cidade de São Paulo” – grandes referências para a presente pesquisa -. O skate parece fornecer uma discussão, revelar uma ação tão política e insubordinada quanto as outras dissertações e teses universitárias que possuem essa perspectiva – algumas com dificuldades de diálogo com o espaço exterior à universidade,

espaço dos cidadãos comuns - e essa monografia tem como objetivo auxiliar nessa empreitada de colocar o skate como pauta de discussões da sociedade urbana.

Por conta desse caráter social observado no skate, percebemos que ele deveria sim estar e pautar um debate, mínimo que seja, dentro da universidade pública. Sabemos que a Universidade de São Paulo possui uma autoridade intelectual e um apelo entre os cidadãos que a fornecem uma força de legitimidade no debate público e nas políticas públicas (planejamento urbano, planejamento cultural). Também sabemos que um dos papéis da universidade pública, principalmente a da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, é a de não subordinação frente ao mercado (podendo dialogar) e a de ir, muitas vezes, de encontro às diretrizes que o poder estatal impõe à cidade, possuindo a especificidade de sermos financiados para, quando necessário, criticar o estado, frequentando de modo autônomo um limbo perigoso na análise social e espacial dominante.

A autonomia da universidade, requisito para a realização da idéia de universalidade, não significa que a instituição abstrai o contexto social no qual se insere. A independência, como distanciamento crítico, possibilita, ao contrário, que este contexto possa ser pensado como um pólo de relação que não se confunde com qualquer conjunto de interesses particulares, sejam eles mercadológicos, empresariais ou políticos. A abstração ocorreria precisamente se a universidade servisse imediatamente a determinados interesses, com exclusão de todos os outros que atravessam uma sociedade complexa e contraditória. (SILVA, 2001:301)

O skate hoje está entre os dez esportes mais praticados no Brasil⁹ - é o segundo esporte mais praticado na cidade de São Paulo¹⁰ – e continua estigmatizado negativamente por romper com uma lógica da privatização do espaço público e da negação desse espaço para boa parte das pessoas que não podem circular por locais como áreas de convivência que são de exclusividade dos moradores de determinado condomínio, ou que não podem se reunir em shoppings centers por não possuírem o perfil de consumidor determinado por grupos abastados, como também (caso dos skatistas) os que não podem utilizar equipamentos da cidade, pois o significado que dão para eles vai de encontro ao pré-determinado por grupos dominantes (estado e classe alta).

⁹ <http://torcedores.uol.com.br/noticias/2017/11/quais-os-esportes-mais-populares-no-brasil-e-no-mundo>

¹⁰ <https://super.abril.com.br/saude/capital-radical/>

Esse papel desenvolvido pelos skatistas de encontrar outras utilidades para os equipamentos do espaço público se mostrou de extrema importância para uma legitimidade própria de consciência que por muitas vezes, e influenciado por toda uma imagem construída pela sociedade, enxergou o skate como uma atividade apenas recreativa, portanto de menor importância social. Sendo assim, não precisando ser estudado e entendido. E também por um momento específico da cidade de São Paulo que tem passado por um período transitório entre um prefeito que possuía uma maior sensibilidade com a questão do espaço público e do direito à cidade, para um prefeito que valoriza o espaço privado e seus direitos limitantes, negando a apropriação sensível e simbólica da cidade. Um dos exemplos é a política de pintar/apagar de cinza os muros grafitados da cidade. O skate, como o pixo, sempre esteve nas ruas, sempre esteve disputando as narrativas simbólicas e sociais da cidade, é um aspecto cultural da realidade urbana de São Paulo e necessita dessa valorização sócio-cultural acadêmica.

Os acessos ao mundo da cultura são cada vez mais intensamente submetidos a mecanismos alienantes, sem que o Estado assuma qualquer medida no sentido de garantir o acesso efetivamente democrático [...]. A universidade pública é a única instância em que se pode resistir, de alguma maneira e por mais algum tempo, talvez, a este processo que traz na sua própria dinâmica um objetivo destruidor. A universidade pública é a instituição em que a cultura pode ser considerada sem as regras do mercado e sem os critérios de utilidade e oportunidade socialmente introjetados a partir da racionalidade midiática. (SILVA, 2001: 303)

2 – Espaço urbano, público, sua produção e apropriação



Figura 5 - Panorama da zona central da cidade de São Paulo a partir do edifício Altino Arantes. Fonte: Wikipedia, acesso: 03/12/2017

Para entender o papel insubordinado dos skatistas frente ao espaço urbano e o processo de apropriação por parte desses, precisamos primeiramente nos ater às características conceituais que dão a esse espaço a adjetivação de urbano e público, como também as características referentes ao recorte proposto na pesquisa – o centro da cidade de São Paulo –; analisaremos a forma hegemônica que tem se constituído sua produção e sua apropriação, majoritariamente econômica. Entretanto, é importante frisar que essas dimensões possuem qualidades diversas, analisadas por diversos autores e correntes de pensamentos que dificultam um estudo maior e mais detalhista frente ao aprofundamento teórico escolhido pelo autor, como – e principalmente – por seu recorte temático. Posto isso, nesse capítulo majoritariamente conceitual, focarei nas análises e características que se aproximem do universo em que o skatista está inserido, seguindo um caminho que converse com a análise proposta – esse capítulo tende a contextualizar teoricamente o espaço geográfico e suas singularidades que estejam em consonância com a prática do skate -. A implicação real dos skatistas nesses espaços e suas impressões referentes às apropriações objetivas e subjetivas serão analisadas no capítulo 4 da pesquisa, pois estará estruturado e permeado por entrevistas dos mesmos acerca dos seus cotidianos e de como enxergam a prática do skate nas ruas do “centro velho” de São Paulo.



Figura 6 - Evento cultural organizado pela Nike no Vale do Anhangabaú.
Foto do autor, 02/12/2017

O senso comum possuí uma ideia do que seja o espaço urbano e público - espaço que não o da nossa casa, espaço que as pessoas se encontram e caminham até o local de trabalho - e do que seja o centro - espaço onde estão a maioria dos serviços e empregos -, avaliações que estão corretíssimas, contudo que precisam de uma análise mais sofisticada quanto a qualidade e singularidade desses espaços para uma vida sociável e comunitária em uma sociedade cada vez mais individualista e privativa.

O espaço para a presente pesquisa:

é uma realidade social, constituída de um conjunto de formas e relações gestadas no seio de nossa sociedade. Suas formas correspondem ao que aparece comunicado ao mundo, que é resultado da relação entre a estrutura do espaço, criada, elaborada e idealizada pelo poder estatal a fim de melhor realizar a reprodução do capital, e sua funcionalidade que se efetiva, cumprindo-se ou não, na vida das pessoas. (ALVES, 2010; 14)

sendo assim, seguindo essa linha lefevriana, o espaço apresenta-se como meio e local, condição e produto da prática social (CARLOS, 2007); tornando possível a reprodução das relações sociais de produção não apenas em seu aspecto econômico, mas também em seu

campo social, portanto desenvolvendo ligações com aspectos constitutivos de uma sociedade como a educação, saúde, lazer, modos de vida entre outros, sem deixar de levar em conta sua qualidade de simbólico e imagético que o cotidiano gera em seus cidadãos. Partindo desse pressuposto analítico do conceito de espaço, verificaremos sua adjetivação de urbano, de realidade urbana como conceito próximo e inserido ao de cidade, pois o primeiro está mais relacionado a valores e costumes impostos por uma racionalidade de reprodução das relações sociais, enquanto o segundo possuindo uma materialidade espacial importante, próximo ao de paisagem urbana, que nos permite analisar a realidade urbana e sua dimensão social e histórica - pois seguindo uma linha lefevriana de formação desses processos, essas duas noções são anteriores ao fenômeno da industrialização e identificadas com o valor de uso em detrimento do de troca -. O processo de industrialização destrói o conteúdo de “uso” das cidades e da realidade urbana, gerando uma realidade industrial que onde se assenta e se expande gera uma conformação funcional do espaço, um êxodo populacional dessas áreas influenciando a perda das identidades e referenciais e a emergência de novos atores “(...) operários e patrões, como de estabelecimentos diversos, centros bancários e financeiros, técnicos e políticos.” (Lefebvre, 1968)

A cidade e a realidade urbana dependem do valor de uso. O valor de troca e a generalização da mercadoria pela industrialização tendem a destruir, ao subordiná-las a si, a cidade e a realidade urbana, refúgios do valor de uso, embriões de uma virtual predominância e de uma revalorização do uso.(LEFEBVRE, 1968; 14).

Portanto, as cidades são centros de vida social e política, concentrando técnicas e as obras (Lefebvre, 1968). Sendo ela, a cidade, também uma obra, e como já foi mencionado, sendo entendida como valor de uso, seu consumo é de forma improdutiva e compartilhada, afastando-se da ideia de produto - e de que, portanto, ela possui uma função como valor de troca - que vem sendo propagado no mundo moderno e suas novas interações econômicas e espaciais de acumulação do capital. A cidade, como nos mostra a professora Ana Fani Carlos (2007) se revela como condição, meio e produto da ação humana e refletir sobre seu conteúdo é refletir sobre as práticas sócio-espaciais enquanto formas de apropriação do espaço e essas como elementos constitutivos da existência humana, revelando referenciais e simbologias comuns de pertencimento e identidades sociais; definição essa que se afasta inteiramente da propagada e colocada em prática nos dias atuais. A cidade contemporânea é produzida como mercadoria e consumida de acordo com as leis de reprodução do capital por meio da propriedade privada da terra que cria e comanda as atuais normas de acesso à cidade, tanto no

que se refere à moradia, como às condições de vida. Focando no recorte da pesquisa, é nítido na cidade de São Paulo a desigualdade espacial no tocante à espaços culturais e de lazer, pois enquanto em bairros nobres notamos a presença de cinemas, centros culturais, museus, atrações de diversas modalidades artísticas, nos bairros mais pobres notamos no máximo parques com quadras e campos de futebol, uma biblioteca esquecida e shoppings-centers, pois essas formas e conteúdos são forjadas por relações sociais desiguais e refletem a hierarquização da divisão do trabalho. Uma relação da população mais pobre com seu espaço de convívio que não baseado na mobilidade urbana – permitindo apenas a locomoção para o seu trabalho e para sua casa, onde descansará seu corpo para o trabalho do dia seguinte - pode estremecer e gerar conflitos na relação de classes sociais que convivem nas cidades. É válido comentar que no momento que surgem expressões “originais” de lazer nesses bairros como os denominados “fluxos”, encontro de jovens para flertar, beber e dançar, essas são oprimidas e esses jovens são colocados nos seus “determinados” lugares novamente -.

Na grande cidade, há cidadãos de diversas ordens ou classes, desde o que, farto de recursos, pode utilizar a metrópole toda, até o que, por falta de meios, somente a utiliza parcialmente [...] A rede urbana, o sistema de cidades, também tem significados diversos segundo a posição financeira do indivíduo. Há, num extremo, os que podem utilizar todos os recursos aí presentes, seja porque são atingidos pelos fluxos em que, tornado mercadoria, o trabalho dos outros se transforma, seja porque eles próprios, tornados fluxos, podem sair à busca daqueles bens e serviços que desejam adquirir. Na outra extremidade, há os que nem podem levar ao mercado o que produzem, que desconhecem o destino que vai ter o resultado do seu próprio trabalho, os que, pobres de recursos, são prisioneiros do lugar, isto é, dos preços e das carências locais. (SANTOS, 1998; 112)

E essa configuração tende a permanecer porque essas diferenças sociais incidem no conceito de capital cultural - desenvolvido por Pierre Bourdieu¹¹ - de cada jovem desses espaços da cidade e no futuro farão diferença no acesso às melhores possibilidades de aprofundamento dessas questões sociais e culturais e nas condições de emprego das técnicas mais sofisticadas e valorizadas do mundo contemporâneo.

Sendo assim, a partir de todo esse quadro analítico, cabe assinalar que a “alcunha” de urbano possui uma simbologia para além da diferenciação apenas material e visível frente ao espaço rural – não negligenciando a gritante discrepância existente em relação a paisagem

¹¹ Importante sociólogo francês do século 20; desenvolveu pesquisas sobre diversos assuntos como educação, cultura e política que revelaram um jogo de dominação e reprodução de valores.

geográfica das duas regiões -, pois essa demonstra e camufla seus aspectos constituintes. Essa diferenciação mais ampla passa pela questão do uso da terra que já não se limita a condição de sítio de estabelecimentos e moradia, mas sim por sua relação com os fluxos de produção e com a totalidade do espaço na cidade, sendo de extrema importância sua localização para o processo de valorização dessa terra - processos de adensamento e verticalização – que irá influenciar e impor um modo de vida, um ritmo de cotidiano diferente para seus cidadãos. É de extrema importância salientar que a desigualdade espacial é produto da desigualdade social e não o contrário; podendo a primeira manter e exacerbar o processo da segunda. Posto isso, a grosso modo, sabendo que “o modo de vida urbano produz ideias, comportamentos, valores, conhecimentos, formas de lazer, e também uma cultura” (CARLOS, 2001; 26), a vida urbana moderna poderia ser sintetizada em seu cotidiano como sendo veloz, imediatista, consumista e bruta, possuindo no trabalho a condição de sua existência e no relógio – símbolo maior da sociedade – sua normatização que concebe um tempo social próprio e construído por vínculos produtivistas. Sua apropriação espacial é desigual e como já mostrado, as classes de maior renda habitam as melhores áreas, equipadas por uma grande gama de serviços e equipamentos públicos e privados, abrindo a possibilidade, a partir dessa extrema contradição espacial e social, para conflitos entre classes e práticas de resistência e insubordinação frente a esse cenário.

O urbano produzido através das aspirações e necessidades de uma sociedade de classes fez dele um campo de luta onde os interesses e as batalhas se resolvem pelo jogo político das forças sociais. O urbano aparece como obra histórica que se produz continuamente a partir das contradições inerentes à sociedade. (CARLOS, 2001; 71)

Para Narciso:

O espaço público é considerado como aquele espaço que, dentro do território urbano tradicional (especialmente nas cidades capitalistas, onde a presença do privado é predominante), sendo de uso comum e posse coletiva, pertence ao poder público.¹²

Portanto, mesmo possuindo seu valor de troca relacionado às trocas comerciais verificadas nos locais, coloca-se o valor de uso como protagonista da vivência que será desenvolvida em seu local, espaço de trocas afetivas, de encontros e disputas políticas; se afastando do espaço privado, espaço obtido e adquirido por meio do dinheiro e que nada possui de democrático.

¹² <http://www.revispsi.uerj.br/v9n2/artigos/html/v9n2a02.html>

Nota-se, por meio desse trecho explicativo, que a ideia da apropriação está intrínseca à ideia do espaço público, visto que não há uma noção de propriedade daquele espaço, mas sim de um uso que será compartilhado entre muitos e que poderá ter um significado particular para cada cidadão.

Quando nos apropriamos de um espaço, não como propriedade privada, mas como lugar onde se realiza o uso, reconhecemos a importância social daquele local.... (...) A apropriação desse espaço social, dessa forma, o individualiza por seu uso, ao mesmo tempo de todos e único, um lugar muito próprio, diferente de outros, de modo quase individual. (ALVES, 2010; 17)

Entretanto esse espaço público realmente faz parte desses encontros e dessa vivência compartilhada? Ou o espaço tem tido a função única e primordial para o processo de acumulação do capital em parceria com o Estado e suas políticas urbanas?

Percebe-se nitidamente a qualidade do espaço público nos protestos que acontecem nas cidades, onde diversos grupos sociais se reúnem em determinado espaço para compartilharem e reivindicarem ideias comuns, contudo e ao mesmo tempo percebemos motoristas enfurecidos dentro de seus carros, querendo atravessar as manifestações para rumarem às suas casas, ou cidadãos que compreendem a manifestação, mas não enxergam legitimidade naquele horário e local, demonstrando a excelência desse espaço para o encontro e consequentemente para o conflito, a disputa. Todavia essa disputa tem obtido contornos desiguais, bem diferentes dos observados no cotidiano – mesmo possuindo o mesmo substrato do privilégio concedido economicamente para uma melhor experiência na cidade - pois surge de uma relação assimétrica de poderes obtida pela legalidade das políticas institucionais e pelo monopólio da violência e consequentemente vigilância dos espaços pelo poder público (Estado) contra essa população que enxerga no espaço público seu valor de uso e não apenas de troca. A professora Ana Fani Carlos sintetiza essa ideia quando diz que:

Hoje as relações que se realizam nos espaços públicos da cidade são marcadas pelos contornos de uma crise urbana cujo conteúdo é a constituição da cidade como espaço de negócios, visando a reprodução econômica em detrimento das necessidades sociais que pontuam e explicitam a realização da vida urbana. Pela presença marcante e autoritária do Estado e de sua força de vigilância. Mas também por pequenas e múltiplas ações que resistem, a indicar sua potencialidade como espaço da presença daquilo que difere da norma e se impõe a ela. (CARLOS, 2014; 475)

A ideia do público-privado para a sociedade moderna brasileira sempre possuiu uma relação de conflito, conflito este baseado, de forma rasa, entre uma sociedade com tendências

à esquerda (igualitárias, sociais) e outra com tendências pró-mercado (direita). A última, por meio de um aparato cultural, ideológico e econômico construído por intelectuais e manipulado por uma mídia monopolista baseada no neoliberalismo, tende a atribuir à ideia de público o aspecto de ineficiente, de precário, de corrupto e de violento (como já foi constatado no trecho sobre os condomínios), enquanto o aparelhamento privado e seus espaços são de extrema qualidade e seguros, construindo um imaginário de extrema força na sociedade contemporânea e que tem sido pano de fundo para diversas políticas privativas de espaços públicos (praças, parques, grandes porções do território urbano), tendo o aval de boa parte da população, mas que só beneficia os mais abastados. O sociólogo Jessé Souza em entrevista para o jornal “El País” (22/11/2015)¹³ demonstra como essa visão público-privado foi forjado em nossa sociedade:

“Toda essa exploração de classe é escondida e transformada em um conflito construído, irreal, que não existe, entre Estado e mercado. Porque o Estado precisa do mercado para sua sobrevivência, e vice-versa. Mercado e Estado são uma coisa só, mas, no Brasil, você demoniza o Estado e monta o mercado como reino de todas as virtudes. Não existe crime no mercado. Essa coisa de o brasileiro ser inferior tem um lugar específico entre nós desde Sérgio Buarque: o Estado. É a tal tese do patrimonialismo. Há uma elite que, só no Estado, rouba a sociedade como um todo, como diz Raymundo Faoro. Então se cria um conflito artificial.”

Como consequência dessa dramatização que a elite e a mídia hegemônica fazem das mazelas do Estado, o apartando das companhias privadas, surge a ficção cada vez mais preconceituosa e rasa da “coisa pública” e o beneficiamento de uma parcela mínima da sociedade que se satisfaz do bom serviço do mercado e sua expansão. Essa elite vil ao mesmo tempo em que manipula boa parte da população e tenta ao máximo diminuir e sufocar o espaço público chega ao absurdo de privatizar e fetichizar suas qualidades como as feiras de ruas e colocá-las dentro de seus condomínios. Posto isso, nota-se que essa perda do espaço público, de sua materialidade e objetivação, também passa por uma corrupção ideológica concomitantemente subjetiva da sociedade, não apenas os espaços estão sendo conformados para um maior aproveitamento econômico e uma maior valorização do capital – construção de avenidas, de prédios comerciais e de serviços, de estacionamentos – como os valores e comportamentos estão acompanhando – modo de vida urbano –.

¹³ https://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/10/politica/1447193346_169410.html

A deteriorização dos espaços públicos aparece na sociedade e são divulgados na mídia, quando o assunto é, por exemplo, o ensino e a saúde públicos. No 1º e 2º graus das escolas públicas parecem só estudar aqueles que não podem pagar pelo ensino privado. O mesmo divulga-se da saúde pública, quando se reforça o mau funcionamento de hospitais e a falta de médicos. Já, o que é privado parece agregar as qualidades positivas, selecionando as pessoas que as podem pagar. Numa sociedade em que tudo, tendencialmente, se transforma em mercadoria, o próprio espaço e sua produção apontam para a homogeneização, a equivalência, a semelhança dos lugares enfim, à priorização do privado, em detrimento do que é público. (ALVES, 2010; 98)

E qual é o espaço público que mais fascina o skatista? As ruas, porque essas possuem as imperfeições que facilitam (em tese) a prática e nelas ocorrem os principais encontros e conflitos para os praticantes. Atualmente nota-se na rua duas funcionalidades primordiais: sinônimo de tráfego (passagem), e local de moradia (permanência). A primeira reflete sua condição de infraestrutura colocada a serviço do capital – é válido caminhar pela cidade e comparar a quantidade de placas de trânsito privativas ao pedestre frente aos automóveis -, portanto as mercadorias precisam ser transportadas em tempos cada vez menores e sua mão de obra necessita de uma agilidade na locomoção casa-trabalho/trabalho-casa. A segunda reflete a desigualdade social e espacial que esse capital hegemônico (capital privado em parceria com o Estado) produz nas cidades, pois o direito constitucional de moradia é válido apenas para quem possui a condição de comprá-lo, sendo assim é comum os signos de territorialidade marcados nas ruas através de barracos, colchões e cobertores espalhados por seus moradores¹⁴. Nesse espaço o skatista, conscientemente ou inconscientemente, rompe com todas as normas pré-estabelecidas e convive em meio aos automóveis e aos moradores de rua; muitas produções audiovisuais de skate demonstram essa qualidade: skatistas passando por meio dessa população estigmatizada e segregada, interagindo com elas, aplicando suas manobras que terão seus desdobramentos entre os carros nas ruas, gerando reações em cadeia como buzinadas, freadas e xingamentos e a consequente repressão do estado por meio da polícia que interdita a prática, indica os “lugares apropriados” e muitas vezes retém os skates. Esse papel de mantenedor do caos-controlado por parte do estado é a ferramenta principal do mercado na reprodução desse espaço como mercadoria, e um modo pelo qual se alcança uma domesticação, uma alienação dos cidadãos quanto aos papéis a serem desenvolvidos no espaço público; sendo assim, você não pode andar de skate porque está atrapalhando os

¹⁴ <http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,populacao-de-rua-dobra-desde-2000-e-se-espalha-pela-cidade-de-sao-paulo,70001846495>

pedestres ou os automóveis e existe uma área determinada para aquela atividade – as ciclovias – ou você não pode sentar em uma mureta e tomar uma cerveja com seus amigos pois o dono do estabelecimento pediu para o segurança tirar as pessoas do local, como acontece com os moradores de rua também: é corriqueira a presença de policiais no vale do Anhangabaú, nas escadas do teatro municipal de São Paulo, no vão livre do Museu de Arte de São Paulo vigiando seus frequentadores e suas atividades sob o pretexto de estarem trabalhando pela segurança dos locais. Como também é comum a polícia enquadrar uma reunião de jovens, principalmente negros, nas ruas das periferias da cidade de São Paulo por achar essa atitude suspeita. Portanto não é concebida pelo mercado, estado e pelos cidadãos motorizados a ideia de que a rua não é e não precisa ser exclusividade dos automóveis e muito menos servir como simples esteira para a locomoção e admiração – frustração – dos produtos nas vitrines das lojas e nos outdoors, como também é notável o olhar cada vez mais preconceituoso a partir do momento que esses motoristas e pedestres notam o convívio de skatistas e a população de rua, pois de dentro das suas máquinas ou de suas carcaças condicionadas ao consumo o único contato que eles possuem com esses cidadãos é por meio da esmola e dos serviços de comércio no trânsito. A rua como espaço de possibilidades, de encontros, de interações, de festas tem sumido, tem sido substituída por um espaço de encontroes (choques físicos), por uma espaço controlado – é assustador você andar pelas ruas ao redor da Avenida Paulista e a cada passo uma luz acender em frente às casas com a função de tornar mais fácil o reconhecimento de qualquer indivíduo que cometa alguma ilegalidade como para avisar que todos que passam ali estão sendo filmados - e programado (planejado) por seus urbanistas com a função de homogeneização de seus sujeitos sociais. A cidade se transforma em cobaia de arquiteturas que prometem uma organização do espaço, do caos, mas que se constitui de políticas ideológicas de exclusão, portanto os bancos são construídos e transformados para não servirem como equipamentos de descanso – evitando que moradores de rua deitem e durmam – como também evitando outros usos (principalmente pelo skate), muretas de estabelecimentos são equipados com lanças e grades, a pavimentação coberta de paralelepípedos nas ruas e de pedra portuguesa nas calçadas, evitando qualquer utilização senão a por meio do caminhar – essa, porém, dificultada para deficientes físicos e idosos -. Posto isso, a melhor definição para o espaço público na presente pesquisa seria a de um espaço de encontros, contudo permeado por conflitos e contradições latentes entre seus sujeitos sociais.

Contra a rua. Lugar de encontro? Talvez, mas quais encontros? Superficiais. Na rua caminha-se lado a lado, não se encontra. [...] De tal modo que a crítica da rua deve ir mais longe: a rua torna-se lugar privilegiado de uma repressão, possibilitada pelo caráter ‘real’ das relações que aí se constituem, ou seja, ao mesmo tempo débil e alienado-alienante. A passagem na rua, espaço de comunicação, é a uma só vez obrigatória e reprimida. Em caso de ameaça, a primeira imposição do poder é a interdição à permanência e à reunião na rua. Se a rua pôde ter esse sentido, o encontro, ela o perdeu, e não pôde senão perdê-lo, convertendo-se numa redução indispensável à passagem solitária, cindindo-se em lugar de passagem de pedestres (encurralados) e de automóveis (privilegiados). [...] A velocidade da circulação de pedestres, ainda tolerada, é aí determinada e demarcada pela possibilidade de perceber as vitrines, de comprar os objetos expostos. (LEFEVBRE, 2008; 28-29)



Figura 7 - Skatistas e um morador de rua no Páteo do Colégio. Foto do autor, 12/09/2017

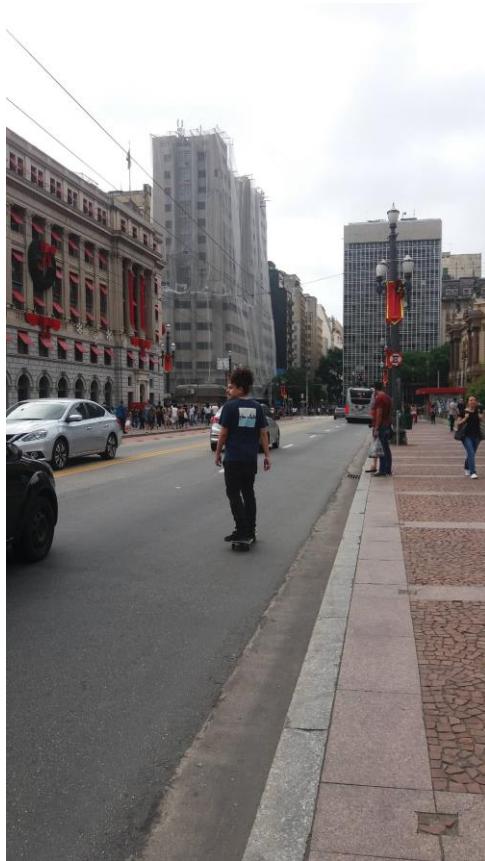


Figura 8 - Skatista entre os carros no Viaduto do Chá, centro de São Paulo. Foto: Letícia Azevedo, 03/03/2017

A qualidade de local dos encontros que o espaço público contém é exacerbada quando falamos sobre o centro da cidade, pois é nesse espaço que o imaginário social deposita seus anseios acerca de informações, de conhecimento, de possibilidades de ascensão econômica, entre outros, portanto contendo o aspecto de concentrador de pessoas e serviços. Esse espaço central, desenvolvido por meio do processo de urbanização – muitas vezes visto como sinônimo de cidade - só pode ser entendido em relação a outros espaços da cidade, os denominados outrora subúrbios que se caracterizavam por transitarem entre o modo de vida rural e o modo de vida urbano.

Podemos afirmar que o Centro, como nos indica Henri Lefevbre (1986), se constitui como tal por um processo histórico, que permitiu uma certa permanência das formas, o que possibilitou a criação de referenciais para a sociedade que habitava a cidade. Ainda segundo o autor, essa área representava a expressão da vida urbana enquanto potencialidade, possibilidade, movimento em direção à urbanidade. Essa expressividade do centro só podia ser entendida frente às carências existentes no subúrbios de então. (ALVES, 2010; 6)

O processo indicado – urbanização de toda a cidade - começa a se transformar na segunda metade do século XX quando a cidade e seu centro começam a se expandir - muito por conta do êxodo rural, aumento e concentração populacional – e seus desdobramentos, conectados à reprodução desigual do capital, impactam para além de suas fronteiras: surgindo suas periferias. As periferias, a grosso modo, se caracterizam por aglomerações urbanas empobrecidas, sob condições precárias de moradias e serviços sociais/culturais, próximas a área central da cidade; onde habita a mão de obra que trabalhará a serviço do capital - que o segregá - nas áreas centrais. Assim sendo, a relação que se criou entre a população e o centro da cidade foi determinada por uma busca por condições melhores que a dos bairros onde habitam, seja essa condição econômica, seja essa condição cultural. O universo do skate atrelado ao da arte só faz sentido no centro de São Paulo, pois entre uma sessão de skate e outra os praticantes podem frequentar um museu, um centro cultural, assistir um filme, um show, pois a concentração existe ali, facilitada por toda uma malha viária desenvolvida na década de 1930 pelo então engenheiro Francisco Prestes Maia que interligou todas as áreas periféricas ao centro, em um sistema radial perimetral com o objetivo de expansão do centro histórico e a preferência pelo sistema de superfície.¹⁵ Mas de qual centro estamos falando? Pois na cidade de São Paulo existem diversos centros especializados: centros financeiros e de serviços como o da avenida Paulista e o da avenida Luis Carlos Berrini, centros comerciais como o da região do Brás ou mesmo a iminência de centros periféricos, onde a concentração de serviços como supermercados, bancos, comércio geram uma especulação e uma identificação territorial. O recorte da pesquisa está baseado no centro histórico da cidade de São Paulo, principalmente no perímetro que abrange os distritos: República (teatro municipal e vale do Anhangabaú), Consolação (Praça Roosevelt) e Sé (Praça da Sé).

O chamado “centro histórico” da cidade é povoado das mais diversas formas e atividades, que, no conjunto, formam a representação do que se chama de cidade. É o local em que as relações se renovam constantemente, permitindo, ao mesmo tempo, a existência pela duração da ação, pela mudança mais lenta de suas formas, e da instabilidade, pela multiplicidade de atividades, pessoas, permissões, proibições, transgressões que se realizam na pluralidade das relações existentes. (ALVES, 2010; 32)

¹⁵ <http://www.saopauloinfoco.com.br/plano-avenidas/>



Figura 9 - Mapa das Subprefeituras da cidade de São Paulo. Fonte: Secretaria Municipal do Planejamento Urbano (SEMPRA)/acesso: setembro/2017

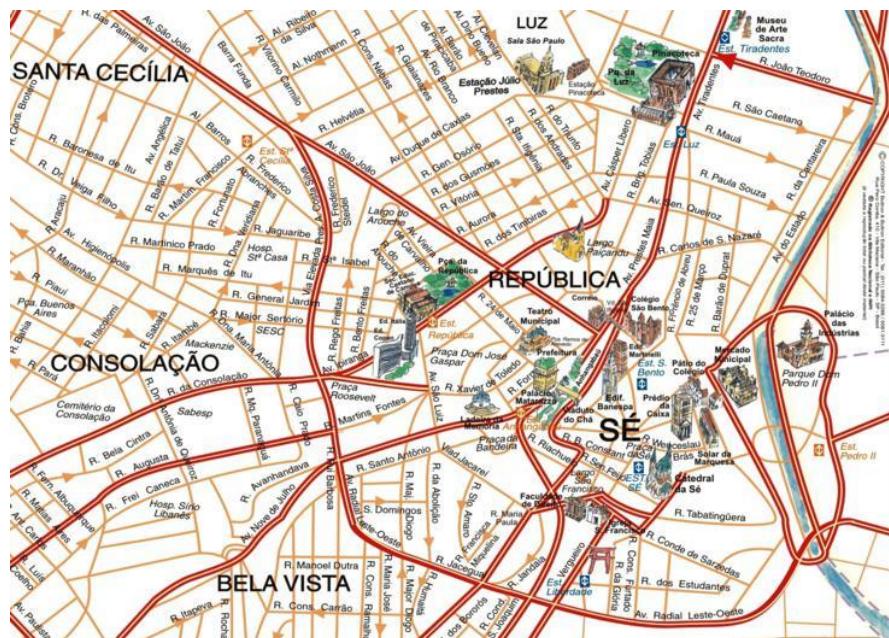


Figura 10 - Mapa ilustrativo com o recorte dos distritos da área central da Cidade de São Paulo analisados na pesquisa. Em vermelho estão as avenidas principais. Fonte: Buitron Editorial (acessado em 10/11/2017)

3 - Os Flanêurs de rodinhas

“Ainda vão me matar numa rua.

Quando descobrirem,

Principalmente, que faço parte dessa gente
que pensa que a rua

é a parte principal da cidade.”

(Quarente clics em curitiba, Paulo Leminski, Etecetera – 1976, pg 09)

Uma das coisas mais interessantes aprendidas e percebidas no skate foi uma tendência de seus praticantes em busca de uma expressão artística, seja relacionada ao skate, seja relacionada a outros aspectos cotidianos, mas sempre dando ênfase a importância da realidade urbana para essas expressões, parecendo uma busca por um sentido maior a prática. É comum, principalmente no centro da cidade, notar os skatistas em eventos culturais, exposições artísticas e muitos desses não apenas como observadores, espectadores, mas como autores das obras, protagonistas dessas, curadores de determinados eventos e organizadores – a Revista Vista¹⁶ é um dos principais expoentes dessa temática, procurando misturar e relacionar skate com arte, organizando eventos em sua sede para o lançamento de suas revistas com a mistura de exposição, música e trocas de ideias abertos para todos -. Nota-se que essa aproximação muito tem justificativa no aspecto da fotografia e dos vídeos –

Vale sempre reforçar que no skate a cultura dos vídeos sempre foi muito forte e, ainda mais agora, com as redes sociais e a quantidade de clipes postados diariamente a repercussão é infinita.¹⁷

que fazem parte do universo do skate; cada vez mais as revistas e as marcas tendem a uma maior preocupação com a estética de suas produções, buscando uma conexão entre as performances e suas características próprias sobre o conceito de beleza; como o cenário da rua e suas construções urbanas cinzas, deterioradas, “feias”, mas perfeitas para a caracterização de uma prática que se relaciona e vive dessa contradição - do belo com o feio - arrancar do feio o belo, buscar a beleza no transitório que constitui o mundo moderno –. Essa é uma das definições da arte moderna por Charles Baudelaire em sua obra “Sobre a Modernidade”. Cabe

¹⁶ <http://vista.art.br/>

¹⁷ Trecho do editorial da Revista Vista, edição número 72, feito por Flavio Samelo. 2017

sobre essa avaliação do feio e do belo, tão importante para a arte e que encontra nesse universo do skate um aspecto singular, entender que para os skatistas essas definições possuem uma avaliação contraditória e dialética, pois o dito “feio”, “sujo”, relacionado ao ambiente das ruas, para os skatistas aparecem como elogio, muito por conta da estigmatização e do preconceito que sempre foi aplicado para com esses e que tendeu a ser fortalecido por seus praticantes como uma espécie de revolta e resistência da atividade, entretanto, concomitantemente, as performances buscam sempre a originalidade que dará uma característica singular a cada skatista e que se propagará como a beleza de cada skatista – sendo assim, temos o “feio” possuindo importância no quesito da resistência (do “verdadeiro”), e o elogio do belo, do “estilo” nesse universo como uma das principais características que darão a “imortalidade” a determinado praticante - a durabilidade da obra e não do produto -; em campeonatos, como em fotos e vídeos, o estilo do skatista é um forte fator para uma aceitação maior entre as mídias, para a conquista de grandes patrocinadores e para um maior respeito nas ruas. Não adianta saber todas as manobras do mundo se as realiza de uma forma considerada “feia”, “robótica” por admiradores e seus pares. Encontramos isso nas artes também, é nítido que pintores que possuem um forte apelo comercial e que se utilizam desse teor para uma reprodução de suas práticas e características, não tornando-as singulares e próprias, não reproduzíveis de maneira simples, são estigmatizados e sofrem um rechaço por parte de críticos e intelectuais; o artista brasileiro *Romero Brito* é um dos expoentes de artistas que são valorizados comercialmente, contudo não possuem o mesmo valor entre a classe artística e seus críticos. No skate temos o exemplo do skatista *Nyjah Huston* que vence quase todos os campeonatos, filma uma das vídeoparts mais difíceis da cena, mas não é unanimidade (ninguém é unanimidade, mas seu caso é específico) entre os praticantes e admiradores por possuir um estilo de vida e um “estilo” em cima do skate que não é considerado verdadeiro e muito menos bonito; diferente do skatista brasileiro *Rodrigo de Arruda Teixeira* que não disputa campeonatos há anos, contudo suas vídeoparts e muitas de suas fotos em revistas estão imortalizadas nas cabeças de todos seus pares e que o faz ter um respeito e ser uma referência para todos (Rodrigo TX é unanimidade no mundo do skate).

O belo é constituído por um elemento eterno, invariável, cuja quantidade é excessivamente difícil determinar, e de um elemento relativo, circunstancial, que será, se quisermos, sucessiva ou combinadamente, a época, a moda, a moral, a paixão. Sem esse segundo elemento, que é como o invólucro aprazível, palpante, aperitivo do divino manjar, o primeiro elemento será indigerível, inapreciável, não adaptado e não apropriado à natureza humana. (Baudelaire, 1996; 10)



Figura 11 - Luan de Oliveira, Praça da Sé. Fonte: Divulgação/Nike (clubedoskate.com, 03/12/2017)

É válido assinalar que no mundo das artes essa característica avaliativa, diferentemente do universo dos skatistas, tem um alto teor classicista e elitista porque foi construído historicamente por intelectuais de classes abastadas em uma realidade social e artística hostil às castas e classes mais baixas – mulheres, escravos, proletariados -.

Por meio desse contexto conseguimos chegar ao conceito de *flâneur* e de seu autor, Charles Baudelaire, um dos principais pensadores do mundo moderno que junto com seu sucessor Walter Benjamin serão referências primordiais nas análises acerca das singularidades dessa modernidade - que surge com a evolução do capitalismo e as transformações induzidas nas cidades – como também dará suporte para o entendimento e conexão da prática flanêur parisiense do século XIX com a dos skatistas no século XXI. Charles Baudelaire (1821 – 1867) foi contemporâneo de uma época de transição na Europa, do capitalismo comercial e de um período absolutista para um capitalismo industrial e financeiro, e com sua perspicácia foi um dos primeiros a observar as mudanças de valores e signos que a evolução do capitalismo implantava:

“A uma passante

A rua em torno era um frenético alarido.
 Toda de luto, alta e sutil, dor majestosa,
 Uma mulher passou, com sua mão suntuosa
 Erguendo e sacudindo a barra do vestido.
 Pernas de estátua, era-lhe a imagem nobre e fina.
 Qual bizarro basbaque, afoito eu lhe bebia
 No olhar, céu lívido onde aflora a ventania,
 A doçura que envolve e o prazer que assassina.
 Que luz... e a noite após! – Efêmera beladade
 Cujos olhos me fazem nascer outra vez,
 Não mais hei de te ver senão na eternidade?
 Longe daqui! tarde demais! “nunca” talvez!
 Pois de ti já me fui, de mim tu já fugiste,
 Tu que eu teria amado, ó tu que bem o viste!”

(BAUDELAIRE, 1985: 361)

Na França, onde Baudelaire nasceu e residiu à vida inteira, o século XIX foi de constantes mudanças, pois com o fim da Era Napoleônica - e as consequências do Congresso de Viena¹⁸ - ocorreu um retorno da dinastia dos Bourbons ao poder com os reis Luís XVIII e Carlos Xalmejando, e o sepultamento dos valores e anseios liberais disseminados com a Revolução Francesa (1789 – 1799). Contudo, uma vez que a burguesia já havia obtido força política e sofria constantes golpes como o do ano de 1827, quando venceram as eleições legislativas e foram impedidos de assumirem as funções, propaga-se uma revolta popular com as famosas barricadas de Paris que desemboca em uma revolução liberal em julho do ano de 1830 – Os três dias gloriosos¹⁹ – e colocam o duque Luís Felipe, com apoio indelével da burguesia nacional, no poder da França – “O Rei Burguês”. Essa revolução propagou os anseios liberais por toda a Europa e na França desenvolveu quatro tendências republicanas (legitimistas, republicanos, bonapartistas e socialistas) que batalhavam pelo poder. Durante esse período o grupo dos bonapartistas, liberais republicanos e socialistas sente-se não

¹⁸ O Congresso de Viena foi uma conferência diplomática, ocorrida na cidade de Viena (capital da Áustria) entre setembro de 1814 e junho de 1815. Contando com grandes potências que haviam vencido a França de Napoleão, serviu para redefinir o mapa político europeu que fora modificado pelas conquistas de Napoleão Bonaparte.

¹⁹ Movimento revolucionário de 1830 iniciou-se na França, onde o rei Carlos X implantou um conjunto de medidas impopulares para restaurar práticas do absolutismo.

contemplado com as políticas adotadas pelo rei, existe uma grande exclusão social e uma crise econômica que novamente gera uma revolta popular (as barricadas tomam conta de Paris), o fim da Monarquia e a implantação da Segunda República que influenciará a Primavera dos Povos em 1848 e durará até o golpe dos 18 de Brumário de Luís Bonaparte em 1852 e a volta do Império. Essa contextualização histórica possui o único propósito de demonstrar a transformação nos valores e comportamentos da sociedade europeia, de uma sociedade assentada em valores sagrados, fixos, teocêntricos, rurais, sob a opressão da Igreja e do Estado e navegando sobre um oceano de certezas para uma sociedade “iluminada”, liberal, num processo urbano - com as reformas urbanas da cidade propostas por George-Eugène, barão de Haussmann, na construção de grandes avenidas (boulevards) a fim de dificultar grandes protestos e facilitar a atuação dos militares na repressão daqueles e também na melhoria da salubridade dessas áreas, como o surgimento de mercados, teatros, a resistência das galerias e toda uma nova conformação da cidade - que gera outro tipo de convivência entre as pessoas, abrindo-se um oceano de possibilidades em um mundo cada vez mais inconstante e fluido, com a emergência de novas classes sociais, práticas econômicas, a racionalização do trabalho por conta do processo industrial e uma explosão demográfica advinda desse processo²⁰.

Como consequência dessa mudança nos padrões sociais e econômicos de Paris surge uma nova forma de convívio: saímos de um molde amparado por reuniões particulares residenciais para um ambiente caótico das ruas cada vez mais movimentadas da cidade, se deparando com o encontro de diversas classes sociais e sofrendo um fenômeno social-identitário de perda da sua individualidade para se conformar como “mais um” em meio à multidão cada vez mais guiada pelo farol das mercadorias e do capital. Nesse conjuntura surge a figura do *flâneur*, engendrada por Baudelaire para designar a figura do pequeno burguês que pode “desperdiçar” seu tempo, tão caro em uma sociedade capitalista, em andanças pela cidade e experimentar a cidade de uma forma diferente dos demais cidadãos, pois imerso na multidão capitalista o *flâneur* pressupõe, como nos mostra Walter Benjamin, que o produto da ociosidade é mais valioso que o do trabalho, pois este realiza “estudos” e “seu olho aberto, seu ouvido atento, procuram coisas diferentes daquilo que a multidão vem ver” (Larousse, XIX apud Benjamin, 1994). A prática do *flâneur*, denominada *flâneurie*, se

²⁰ <http://teorialiterariaufrj.blogspot.com.br/2009/07/modernidade-em-baudelaire.html>

caracteriza como um ato de apreensão e representação do panorama urbano, panorama que gera uma nova percepção estética que nas “ruas labirínticas da cidade constituem para o perfeito divagador, observador apaixonado, o fascínio da multiplicidade e do efêmero” (MASSAGLI, 2008; 56). O escritor americano Edgar Allan Poe já havia notado essa concepção moderna da sociedade industrial quando criou o conto “O homem da multidão” e o localizou em Londres, onde o capitalismo já estava mais avançado e sofisticado que em Paris – há uma aproximação maior do cenário parisiense com o mundo contemporâneo, principalmente com a cidade de São Paulo – e produzia uma conformação social cada vez mais impessoal como nos mostra Engels:

Quando se vagou alguns dias pelas calçadas das ruas principais, só então se percebe que esses londrinos tiveram de sacrificar a melhor parte de sua humanidade para realizar todos os prodígios da civilização... O próprio tumulto das ruas tem algo de repugnante, algo que revolta a natureza humana. Essas centenas de milhares, de todas as classes e situações, que se empurram umas às outras, não são todas seres humanos com as mesmas qualidades e aptidões e com o mesmo interesse em serem felizes? E afinal, não terão todas elas que se esforçar pela própria felicidade através das mesmas vias e meios? E, no entanto, passam correndo uns pelos outros, como se não tivessem absolutamente nada em comum, nada a ver uns com os outros, e, no entanto, o único acordo tácito entre eles é o de que cada um conserve o lado da calçada à sua direita, para que ambas as correntes da multidão, de sentidos opostos, não se detenham mutuamente; e, no entanto, não ocorre a ninguém conceder ao outro um olhar sequer. Essa indiferença brutal, esse isolamento insensível de cada indivíduo em seus interesses privados, avultam tanto mais repugnantes e ofensivos quanto mais esses indivíduos se comprimem num espaço reduzido; e mesmo que saibamos que esse isolamento do indivíduo, esse egoísmo tacanho é em toda parte o princípio básico de nossa sociedade hodierna, ele não se revela nenhures tão desavergonhadamente, tão autoconsciente como justamente no tumulto da cidade grande. Friedrich Engels, *Die Lage der arbeitenden Klasse in England* (A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra), segunda edição, Leipzig, 1848, pp. 36-7 (Die grossen Städte) (As cidades grandes).

Pois é dentro desse cenário caótico que o narrador de Poe, lendo um jornal, dentro de um café em Londres, descobre o mistério do anonimato em meio à multidão e a capacidade de ler a sociedade apenas por seus sinais exteriores, mesmo estando inserido nela. O narrador começa a seguir um velho afim de alguma experiência, incentivado pelo mistério que aquele senhor desenvolve por estar caminhando como uma máquina, amortecido pela recepção de choques e todo o ritmo gerado pelo capitalismo industrial e que no final do conto percebe que não há

nada a descobrir, o mistério não precisa ser resolvido, não há um “começo, meio e fim”, pois a principal característica da modernidade e de seu principal observador é a qualidade de perceber o eterno no transitório, no efêmero, “a procura pela experiência pura, inútil, em estado bruto”.

Porém existem diferenças entre o *flâneur* inglês de Poe e o *flâneur* francês de Baudelaire, o segundo não possui um caráter de investigador da sociedade moderna, não possui a singularidade de leitor urbano, pois acerca desse processo o resultado seria bem incompleto sendo que o *flâneur* possui sempre um olhar fragmentário e momentâneo frente os espaços, não há fresta para o olhar contemplativo e equidistante capaz de lhe oferecer a totalidade de seu objeto; o *flâneur* está sempre em movimento, acompanha a multidão, contudo de uma forma não-automática, não imediatista, veloz. Walter Benjamin nos mostra que era de bom-tom levar tartarugas para passear pelas galerias como uma forma de protesto. Assim sendo, sabendo dessa singularidade qualitativa do “*flâneur* baudelairiano”, de ter o espaço público como habitat, de não se subordinar ao capital hegemônico que uniformiza costumes, ações e valores e que concebe uma funcionalidade e uma velocidade aos espaços urbanos, surge quase que espontaneamente a ligação com o aspecto artístico e insubordinado da prática do skate no mundo contemporâneo que a presente pesquisa tem se encaminhado. O adjetivo “coletivo” na seguinte citação poderia facilmente ser substituído por *flâneur* ou por *skatista* que não causaria qualquer confusão na cabeça de franceses do século XIX ou de brasileiros na sociedade contemporânea respectivamente, pois, apesar de todos os contratempos, boa parte da população entende - de modo confuso e não objetivo - a qualidade significativa que o espaço público urbano possui para esses dois sujeitos sociais – cabe assinalar que esses dois sujeitos estão inseridos no coletivo e essa é uma das suas principais marcas, senão a principal - :

As ruas são a morada do coletivo. O coletivo é um ser eternamente inquieto, eternamente agitado, que, entre os muros dos prédios, vive, experimenta, reconhece e inventa tanto quanto os indivíduos ao abrigo de suas quatro paredes. Para esse ser coletivo, as tabuletas das firmas, brilhantes e esmaltadas, constituem decoração mural tão boa ou melhor que o quadro a óleo no salão do burguês; os muros com “*défense d'afficher*” (proibido colocar cartazes) são sua escrivaninha, as bancas de jornal, suas bibliotecas, as caixas de correspondência, seus bronzes, os bancos, seus móveis do quarto de dormir, e o terraço do café, a sacada de onde observa o ambiente. O gradil, onde os operários do asfalto penduram a jaqueta, isso é o vestíbulo, e o portão que, da linha dos pátios, leva ao ar livre, o longo corredor que assusta o burguês, é para ele o acesso aos aposentos da cidade. A galeria é o

seu salão. Nela, mais do que em qualquer outro lugar, a rua se dá a conhecer como o interior mobiliado e habitado pelas massas. (BENJAMIN, 1994; 194-195)

Entretanto, entendendo melhor as características atribuídas a esses dois grupos e simultaneamente observando nossa sociedade capitalista, não se torna tarefa fácil observar a contradição e o conflito adjacente? Não é comprehensível a revolta por parte da população que acorda cedo – é comum parte da população periférica da cidade de São Paulo acordar 5 horas antes do seu horário de entrada no serviço, pois 3 horas são gastas apenas no transporte como mostrado no capítulo 2 da pesquisa -, faz seu trajeto cotidiano esmagada dentro de transportes públicos lotados e precários, são cobrados a todo o momento por melhores resultados no trabalho, chegam tarde a casa com tempo apenas para tomar um banho e dormir novamente quanto ao cotidiano totalmente diferente que muitos skatistas tentam levar (poucos conseguem, muitos possuem a mesma vida que toda a população e ainda encontram tempo para andarem de skate) na cidade. Partindo dessa diferença na vivência a contradição “vida adulta – vida de jovens” se torna de fácil entendimento por conta dos signos que foram criados internamente na cabeça de cada trabalhador urbano. É inadmissível que em uma segunda-feira à tarde existam pessoas andando de skate pela cidade, conversando, dando risada e se expressando artisticamente. Estão produzindo o que? Quais relevâncias possuem na “construção” do país? Não trabalham? Enquanto as pessoas se amontoam nas calçadas, andando a passos rápidos e largos, pois as ruas são exclusivas para os carros e transportes públicos, os skatistas (ou *flâneurs*) desenvolvem suas habilidades, invadem as ruas, se locomovem por meio dos carros, voltam para as calçadas, atravessam a multidão em sentido contrário, pulam bancos e escadas, fazem barulho, trombam nas pessoas e são escorregados, pois não estão de acordo com as convenções estabelecidas socialmente. É comum ver um grupo de pessoas manifestando seu descontentamento (por meio de agressão muitas vezes) com a prática de skatistas em locais públicos e monumentos históricos – cabe salientar que muitos não possuem qualquer conhecimento ou identificação com aquelas obras – como ocorre nas escadas do teatro municipal no centro da cidade ou com o monumento “Espaço Cósmico” na Praça da Sé.

O trabalho tem cada vez mais a boa consciência do seu lado: o gosto pela alegria chama-se já “necessidade de descanso”, e começa a corar de vergonha de si próprio. “Temos de fazer isto por causa da saúde”, dizemos às pessoas que nos surpreendem num passeio pelo campo. Por este caminho, poderá chegar-se rapidamente ao ponto de não mais se ceder ao gosto pela vida contemplativa (ou seja, ao gosto de passear em companhia de pensamentos ou de amigos) sem desprezo por si

próprio e sem má consciência.” (NIETZSCHE, 1882 apud Krisis, 1999)



Figura 12 - Skatistas, Teatro Municipal de São Paulo. Foto do autor, 10/10/2017

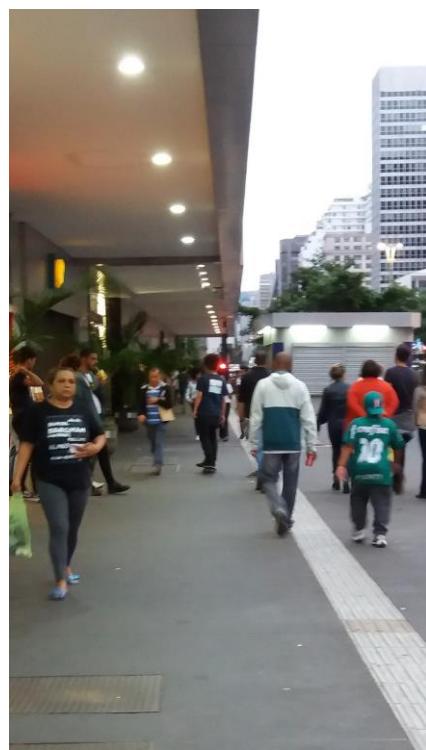


Figura 13 - Skatista em meio a multidão. Avenida Paulista. Foto: Letícia Azevedo, 03/03/2017

4 – De Skatista para Skatista

Nesse capítulo - com todo o arcabouço teórico-conceitual já construído no trabalho por meio de referências acadêmicas - focaremos a análise nas percepções dos sujeitos principais da pesquisa: os skatistas da cidade de São Paulo. Perpassaremos todos os capítulos já desenvolvidos para, de uma forma mais objetiva e detalhada, colocarmos os skatistas e suas observações sobre o porquê de usufruírem do espaço público, especificamente as ruas, pois muitas pistas de skate são públicas, contudo são conformadas em locais fechados, com determinados obstáculos que são semelhantes aos encontrados nas ruas da cidade – as pistas de skate aparecem como simulacros do espaço urbano -: *“Prefiro andar nas ruas ou pelo menos em um local onde os obstáculos imitem as ruas.”*²¹; tentaremos também entender a relação que possuem com o centro velho de São Paulo – sabendo que a maioria dos eventos de skate como campeonatos, première de vídeos, lançamentos de revista são localizados no centro histórico da cidade – afim de observarmos se os praticantes enxergam essa ideia do centro como espaço concentrador de atividades e equipamentos públicos que gerou uma qualidade simbólica ao local, como espaço das oportunidades e da permanência das formas como nos mostra Henri Lefebvre (1968); e por meio das observações acerca do significado que a prática concebe às suas vidas, o que causa essa paixão pela prática, conectaremos a ideia do *flâneur*, dos sujeitos sociais que não se adaptaram ao ritmo da máquina imposto a seus cidadãos, que em determinado período do seu dia – mínimo que seja – ele se apropriará do espaço urbano singularmente e modificará o seu valor – devolvendo a supremacia do valor de uso sobre o de troca.

Qual esporte ou atividade social necessita tanto da conformação urbana para a prática quanto o skate? Por que, mesmo em pistas, os skatistas buscam obstáculos semelhantes a essa materialidade da cidade? A prática do skate convive com uma característica dialética frente a materialidade que a função majoritária da cidade moderna desenvolveu – a função puramente mercadológica, do valor de troca -, pois simultaneamente a prática aparece como atividade de resistência, que experimenta a cidade de uma outra maneira (como analisado em boa parte da pesquisa), como também usufrui desse aspecto mercadológico da cidade no momento em que esse espaço urbano está em constante transformação para se adequar aos ditames do mercado.

²¹ Entrevista realizada no mês de outubro com o skatista Matheus R. R. Pereira, 18 anos. Skatista não profissional.

Nesse sentido, a reprodução do espaço por meio de políticas ou projetos de intervenção seletivos coloca-se como a estratégia possível e, portanto, não se reduz à reprodução das formas econômicas stricto sensu, mas, forja a produção de um “novo lugar” – condomínios de alto padrão, edifícios corporativos, centros de entretenimento, produção de habitação em larga escala – abrindo novas fronteiras de valorização imobiliária, criando novas centralidades, redefinindo possibilidades de uso e apropriação e, finalmente, aprofundando a hierarquização e a segregação. (ALVAREZ, 2012; 72)

Posto isso, nota-se que as reformas pelas quais a cidade constantemente passa, seu processo de construção e destruição, abandono de determinadas áreas da cidade e a incorporação de outras – delimitando locais com uma arquitetura mais antiga, com um zelo menor do espaço que influenciam em seu cheiro e sua cor; e outras com construções mais *clean*, com uma simbologia que distancia os cidadãos de qualquer sentimento de pertencimento ou identitário respectivamente – geram resíduos ou novas conformações urbanas (como rampas, arquiteturas e obstáculos que poderão ser utilizados para saltos e manobras) que são utilizadas pelos skatistas com suas capacidades de ressignificações dos vestígios do processo constante de valorização do capital. Cabe salientar que essas edificações e seus rastros se localizam muitas vezes no espaço – ou em seu limiar – considerado público da cidade (calçadas e ruas) e suas apropriações fazem parte da disputa política entre os agentes hegemônicos, seus objetivos de uniformização do espaço social, e as parcelas da sociedade que não entendem/ não aceitam essa objetividade meramente econômica e por meio dos mais diversos métodos e práticas a confrontam.

“É normal a gente tá de rolê e encontrar algum pico novo, ou reparar em alguma reforma que vai se transformar em um pico mais para frente... só ficar de olho nos guardinhas ou nos seguranças dos prédios, perceber se não é melhor colar de noite para andar porque eles sempre embaçam, essas coisas que a maioria dos skatistas tá ligado.” (Rafael Souza)²²

²² Entrevista realizada no mês de outubro com o skatista Rafael Souza, 26 anos. Skatista não profissional.



Figura 14 - Policiais advertindo um skatista sobre a proibição de utilizar os equipamentos de ginástica (parte de trás da foto) como obstáculos. Foto do autor. Novembro/2017

A ideia do conflito sempre esteve associada ao skate como consequência de uma atividade que durante muito tempo foi criminalizada, taxada de esporte para vagabundos e vândalos, mas que, nos últimos tempos, desde os anos 2000, tem conseguido modificar sua “aparência.” É interessante notar que essa visão comum e preconceituosa do skate parece advir simplesmente do seu aspecto urbano – de não temer a rua, de ficar até tarde da noite andando pela cidade – e de sua capacidade afrontosa de não respeitar a automatização do espaço e da sociedade. Claro que existe um forte componente tribal entre os skatistas de se sentirem os “donos das ruas”, de muitas vezes interromperem o diálogo quanto ao uso da cidade; quanto a isso não há discordância e muitos skatistas vivem problematizando esse “poder” que em nada se assemelha às suas próprias reivindicações de uma cidade democrática, de um espaço público para todos poderem expressar suas criatividades;

A rua tem dono? Não né, mano, o espaço público é de todo mundo... precisa respeitar todos os usuários. (...) o convívio com o pessoal que não é do skate para uma relação até mais pacífica. (Murilo Romão)²³

²³ Entrevista concedida pelo skatista profissional Murilo Romão à mídia especializada Black Media. 2017. <https://www.youtube.com/watch?v=wAqcsEr72vI>

entretanto a partir das considerações levantadas através das entrevistas realizadas com alguns skatistas da cidade de São Paulo nota-se que o “ser skatista”, se transformar em um skatista e enxergar isso como um estilo de vida denota mais uma atividade relacionada à componentes emocionais e lúdicos como a oportunidade de fazer novas amizades, de conhecer novas músicas e lugares e se divertir por meio dessas novas descobertas, do que qualquer objetividade em sua característica de destruidor do patrimônio, do espaço compartilhado, de truculência das suas performances ou de qualquer irrupção revolucionária em sua prática. O desenvolvimento de sua expressão artística, como recorte desenvolvido na pesquisa, tem um caráter majoritariamente lúdico e sua condição de subversivo aparece como consequência.

Vejo como um estilo de vida muito além do compromisso com patrocínios e campeonatos, desde o início andei por diversão, agregou muita coisa em minha vida, desde círculo de amizade a escolhas. (Leandro Ferraz)²⁴

É uma válvula de escape que acabou virando profissão, mas essa nunca foi minha intenção, skate representa muito mais que uma profissão, me fez conhecer muito som bom, lugares novos, pessoas e tudo mais, então não podemos reduzir apenas a uma prática, considero uma linguagem universal, onde mesmo sem falar o idioma do outro conseguimos nos comunicar através do skate e sua cultura. (Murilo Romão)²⁵

A possibilidade de novas amizades e o consequente intercâmbio de influências culturais, sociais que a prática do skate traz encontra maior facilidade em locais onde a oportunidade do encontro é maior como o centro histórico da cidade de São Paulo: “Sentido praça Roosevelt, praça da Sé. O Anhangabaú tava lotado de gambé. (...) No mesmo estilo, na mesma situação, nollie hard flip por cima do corrimão.”²⁶

²⁴ Entrevista realizada no mês de outubro com o skatista Leandro F. Queiroz, 28 anos. Skatista não profissional.

²⁵ Entrevista realizada no mês de novembro com o skatista profissional Murilo Romão, 28 anos.

²⁶ Música “skatedrink” do extinto grupo de rap ZRM.



Grupo 9 - Anhangabaú

Figura 15 - Skatista manobrando no Vale do Anhangabaú. Fonte: acaopublicitaria.wordpress.com/acesso: 25/11/2017

O centro velho de São Paulo possui uma conexão muito forte com o skate por conta dos seus *picos* históricos imortalizados nas produções audiovisuais e persistentes quanto suas formas como já mencionado. A memória dos espaços skatáveis do centro de São Paulo é bem antiga e corre o risco de ser alterada, pois existem projetos que pretendem revitalizações dos espaços como a que pode ocorrer novamente na praça Roosevelt, contudo com aspectos de vigilância por meio de câmeras nos estabelecimentos ao redor e a construção de equipamentos específicos para cada prática esportiva²⁷. A praça Roosevelt, praça da Sé e o Vale do Anhangabaú são frequentados por skatistas desde a década de 1980 e são locais reconhecidos por skatistas do mundo todo que nunca entenderam a eficácia de manobras em locais com o assoalho urbano tão difíceis, tão ruins para a prática como o chão de pedra portuguesa do Vale. Como já foi mencionada na pesquisa a Praça Roosevelt também possuía uma arquitetura e um revestimento bem repulsivos aos skatistas, situação que foi revertida após as reformas pelas quais a praça passou após os anos 2000.

²⁷ <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/07/1904663-doria-planeja-corredor-verde-entre-o-parque-augusta-e-a-praca-roosevelt.shtml>

No centro, às vezes, quando quero mudar um pouco (local de prática), me atrai muito a arquitetura histórica, picos mais clássico e mundialmente reconhecidos, faço um roteiro do Vale do Anhangabaú e finalizo na Praça da Sé. (Leandro Ferraz)²⁸



Figura 16 - Skatistas, Praça Roosevelt. Foto do autor. Setembro/2017

Esse centro histórico constitui o local que concentra boa parte dos eventos e competições de skate, principalmente as realizadas por marcas do ramo, pois além da simbologia do local, existe a facilidade do acesso por meio do transporte público – que como já foi mencionado no trabalho, essa facilidade foi pensada para um fluxo maior das mercadorias e dos trabalhadores da periferia de São Paulo -. Outros atrativos para a reunião dos skatistas no centro de São Paulo são as existências das Galerias do Rock e Orido, a primeira contendo diversas lojas de skate e funcionando como ponto de encontro para os praticantes e a segunda possuindo uma sala de cinema que frequentemente recebe premières de vídeos de skate que movimentam a cena da região central da cidade. A ligação entre as ruas auxiliam o flanar pelo centro-velho, a geografia da região facilita essas diversas possibilidades: no mesmo dia o cidadão pode andar de skate na praça Roosevelt, descer por meio da rua Consolação para as Galerias, encontrar os amigos e finalizar o role assistindo uma peça de teatro na caixa cultural localizada na praça da Sé ou andar de skate pela região também;

²⁸ Entrevista realizada no mês de outubro com o skatista Leandro F. Queiroz, 28 anos. Skatista não profissional.

Acho que andar de skate no centro propicia uma fluidez que é contrastante com outros pedaços da cidade. Como normalmente vou da Z/O para o centro via o espião da Paulista, o centro é um curso natural pelas descidas que ligam a montanha que separa a zona oeste do centro. (Theo Barbosa)²⁹

Utilizando a assertiva do cronista João do Rio de que as ruas possuem alma, as ruas do centro possuem a alma da conexão e consequentemente do encontro entre as pessoas, portanto aparecem como a junção, a mistura de todos os arquétipos delineados por João, diferentemente das ruas observadas em centros financeiros da cidade como as da região da avenida Luís Carlos Berrini, ou mesmo das encontradas ao redor da Avenida Paulista que parecem possuir apenas a alma do capital, do dinheiro:

Oh! sim, as ruas têm alma! Há ruas honestas, ruas ambíguas, ruas sinistras, ruas nobres, delicadas, trágicas, depravadas, puras, infames, ruas sem história, ruas tão velhas que bastam para contar a evolução de uma cidade inteira, ruas guerreiras, revoltosas, medrosas, spleenéticas, snobs, ruas aristocráticas, ruas amorosas, ruas covardes, que ficam sem pinga de sangue... (RIO, 1910)

Essa conexão que o skatista tem com o espaço urbano da cidade encontra sua realização no aspecto da liberdade que o skate desenvolve em seus praticantes - aqui nós notamos a característica de flanêur - e na busca por essa liberdade que os cidadãos não encontram em seu cotidiano seja no trabalho, seja trancafiado em suas residências com a sensação de segurança que a rua não traz, pois essa sua qualidade de livre já demonstra uma incompatibilidade acerca de sua prática em locais fechados e vigiados. E essa característica norteia boa parte da pesquisa, pois por se expressar em um espaço que não é fechado, que não o do “lirismo funcionário público com livro de ponto expediente protocolo e manifestações de apreço ao Sr. Diretor”³⁰, a prática do skate se torna alternativa frente a uma sociedade cada vez mais padronizada e gera a sensação de “escape” dessa conformação social, da realidade imposta.

²⁹ Entrevista realizada no mês de outubro com o skatista Theo Barbosa, 26 anos. Skatista não profissional.

³⁰ Trecho do poema “Poética” do escritor Manuel Bandeira.

De skate buscando alguma sensação diferente, normalmente vinculada à velocidade e efemeridade a que o encontro entre rua e corpo sob um skate está sujeito. Vejo que em ambas as situações o que impõe é o desejo de sentir a pulsação da cidade, buscar algum resíduo de cidade na perversa privação de sentidos que é São Paulo. (Theo Barbosa)³¹

(...) é um esporte que é individual, porém o que mais traz amigos ao seu mundo, esse esporte da sensação de liberdade, algo único, vejo a prática do skate como uma fuga da realidade. (Matheus Pereira)³²

O espaço que concede essa liberdade – ou que deveria conceder se não fossem os interesses escusos do Estado em parceria com a iniciativa privada que muitas vezes impedem esse uso – é o espaço público da cidade. A condição de público retira a mediação desigual do dinheiro e por meio de sua apropriação socializante emerge a sua função social pró-coletivo, portanto o skatista está utilizando aquele espaço como outros cidadãos poderiam e deveriam estar utilizando. Esse espaço público, que ultimamente só tem encontrado sua qualidade em protestos e manifestações contra políticas determinadas pelos governos (nos últimos anos temos visto diversas reivindicações que se ocupam das ruas e caminham sobre elas por grandes percursos – os mais comuns são os caminhos trilhados entre a Avenida Paulista e o centro velho, este possuindo sedes institucionais como o prédio da Prefeitura e a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, por meio da Rua Consolação; ou os que partem da Avenida Paulista sentido Avenida Brigadeiro Faria Lima, esta possuindo grandes espaços para a alocação das pessoas e alternativas de rotas para a manifestação – ou aos domingos como a política de fechamento da Avenida Paulista para o usufruto dos cidadãos através de apresentações artísticas, comércios e encontros, tem o skatista em seu cerne e participando de todas essas expressões da cidade:

(...) lugares como Roosevelt, Anhangabaú, praça da Sé pelo fato de possuírem uma memória muito grande não só pro skate como para cidade, acontecimentos políticos e uma diversidade de pessoas muito grande nesses lugares centrais. (Murilo Romão)³³

³¹ Entrevista realizada no mês de outubro com o skatista Theo Barbosa, 26 anos. Skatista não profissional.

³² Entrevista realizada no mês de outubro com o skatista Matheus R. R. Pereira, 18 anos. Skatista não profissional.

³³ Entrevista realizada no mês de novembro com o skatista profissional Murilo Romão, 28 anos.

E a expressão subjetiva tão singular da prática do skate e que foi tantas vezes mencionada na pesquisa? Ela realmente está conscientemente nos skatistas em suas escolhas e possibilidades? O skatista do qual estamos falando, que possui no espaço urbano público, mais especificamente no centro da cidade, sua casa, seu habitat possui qual diferencial em sua prática de apropriação desses locais? Esse skatista se apropria, ressignifica os espaços por meio de uma manifestação artística – mesmo inconsciente - e não esportiva ou apenas como meio de transporte: “(...) temos que pensar também que o skatista é um artista. Para ele fazer o que faz, para ele se expressar, ele precisa ter estilo, tem que ter preocupação com o momento, onde será realizado esse momento.”³⁴ É a partir dessa singularidade que acontece a aproximação com *flâneur* de Baudelaire, pois está intrínseco na atividade o aspecto da insubordinação frente a automatização do tempo e dos usos do espaço. A experiência subversiva do acontecer urbano. O skatista passa o dia inteiro nas ruas, ele pratica a atividade, ele descansa nas calçadas ou nos bancos públicos, ele conversa com os moradores de rua, com os miseráveis, ele observa a multidão que se empurra e se choca por estarem na correria do cotidiano e ele participa muitas vezes dessa multidão, pois está em constante movimento atrás de picos ou indo encontrar amigos, indo visitar uma loja de skate, participar de algum evento etc. E o *flâneur*?

Flanar é ir por aí, de manhã, de dia, à noite, meter-se nas rodas da populaçā, admirar o menino da gatinha ali à esquina, (...) gozar nas praças os ajuntamentos defronte das lanternas mágicas, (...) é ver os bonecos pintados a giz nos muros das casas, após ter acompanhado um pintor afamado até a sua grande tela paga pelo Estado; É vagabundagem? Talvez. Flanar é a distinção de perambular com inteligência. Nada como o inútil para ser artístico. Do alto de uma janela como Paul Adam, admira o caleidoscópio da vida no epítome delirante que é a rua; Haveis de encontrá-lo numa bela noite numa noite muito feia. O *flâneur* é o *bonhomme* possuidor de uma alma igualitária e risonha, falando aos notáveis e aos humildes com docura, porque de ambos conhece a face misteriosa e cada vez mais se convence da inutilidade da cólera e da necessidade do perdão. (RIO, 1910)

Percebe-se uma similaridade no vivenciar a cidade desses dois sujeitos. É comum você conversar com skatistas e eles se gabarem dos seus “life style”, justamente por não estarem regulados e estrangulados dentro de um escritório, com atividades mecanizadas e seguindo as ordens dos patrões. O viver na rua te dá uma diversidade de possibilidades, todo dia é único

³⁴ Entrevista concedida por Shin Shikuma, fotógrafo de skate e skatista, à mídia especializada Black Media, 2016. https://www.youtube.com/watch?v=_35jogQsJwo

para o skatista, ele não possui horário fixo – no caso dos profissionais as exigências estão mais associadas a produção de fotos, de turnês, de divulgação da marca – (cabe salientar que o universo corporativo do skate está totalmente no compasso do sistema capitalista, muitas marcas são criticadas por passarem a impressão de que estão na cena apenas para ganharem dinheiro para os chefes, enquanto os trabalhadores - skatistas, fotógrafos e videomakers – são totalmente desvalorizados.) e não está muito preocupado com os locais que ele pode ou não andar, sem qualquer pudor em invadir locais proibidos ou andar em locais não permitidos como estações de transporte público coletivo.



Retornando ao comentário sobre boa parte do mercado de skate seguir à risca as regras impostas pelo sistema capitalista, há um código implícito entre os skatistas de que a melhor forma de você valorizar a prática é consumir produtos de skateshops pequenas, que possuem de preferência os donos e os funcionários skatistas, e de marcas que não possuem todo um aparato mercadológico e simbólico sobre diversas modalidades de esportes como a Nike e a Adidas; o slogan desse código é “de skatista para skatista”, buscando a alternativa de valorizar apenas as marcas em que existam skatistas (ou ex-skatistas) em cargos de diretoria dentro das empresas.

Meu único interesse até hoje é andar de skate, independentemente de onde esteja... Seja em uma sessão para se divertir com os amigos, demo (demonstração), tour, campeonato pequeno, campeonato grande... Tanto faz, desde que esteja nas mãos das pessoas certas e que

³⁵ Propaganda do Governo do Estado de São Paulo explicitando a proibição da prática do skate dentro das dependências da CPTM e do Metrô.

não tirem a identidade do skate, que sempre foi livre... (Luan de Oliveira)³⁶

Contudo a polêmica aumenta a partir do momento em que essas “pequenas” ou “históricas” marcas de skate não conseguem valorizar dignamente seus profissionais (é bem comum as marcas patrocinarem seus skatistas somente com a doação de equipamentos e roupas, sem qualquer contribuição financeira. “Era só pizza e refri no chão da sala, enquanto o dono da marca core estava em sua casa na praia bebendo Piña Colada e falando sobre a próxima reunião de vendas.”³⁷), portanto começam a visar o padrão e a tendência das grandes marcas e perdem suas essências, sendo muitas vezes obrigadas a terminarem suas atividades.

Não importa como acontece, quando um *pro* (profissional) não é mais útil para marca, é despejado. Às vezes, eles cagam em cima do cara assim que ele sai pela porta. Não se importam com o que acontece com ele. Não é problema deles. Tal profissional se jogava em escadas e corrimões pela marca, fez a marca ser respeitada, deu o coração e alma e, depois de tudo, está sozinho.³⁸

Entendendo minimamente o mundo corporativo do skate nota-se, novamente, a importância desse outro olhar à prática, esse olhar que enxerga o “andar de skate” como uma atividade que supera essa versão de mercado e transforma seus praticantes em agentes, sujeitos sociais da realidade urbana. A prática do skate nunca deixará de ser valorizada pela dificuldade de suas manobras, pelo estilo dos skatistas sobre o carrinho e tudo que envolve seus próprios códigos que estão sujeitos a se desenvolverem em qualquer cenário: rua ou pista, contudo não é capricho ou qualquer abstração o foco que a pesquisa percorreu de que o skate pode ser visto como um “não trabalho” – recordando historicamente esse substantivo laboral -: esse aspecto *flanante* da prática difere toda a concepção de vida e de existência dos seus praticantes nas cidades; para quem enxerga uma prática social diferente da hegemônica, dessa prática que resiste à materialidade da cidade cada vez mais inibidora de subjetividades como resiste também aos simbolismos (por meio das roupas e do “life style”) e às armadilhas

³⁶ Entrevista concedida pelo skatista profissional Luan de Oliveira ao portal Globo Esporte, 2017.

<http://globoesporte.globo.com/radicais/skate/noticia/2017/02/das-favelas-de-porto-alegre-ao-mundo-luan-transforma-obstaculos-em-arte.html>.

³⁷ Entrevista concedida pelo skatista profissional Marc Johnson à revista especializada Jenkem Magazine no ano de 2013. Traduzida para o português pela mídia Black Media. <http://www.blackmediaskate.com/site/?p=3445>

³⁸ Entrevista concedida pelo skatista profissional Marc Johnson à revista especializada Jenkem Magazine no ano de 2013. Traduzida para o português pela mídia Black Media. <http://www.blackmediaskate.com/site/?p=3445>

desse sistema controlado pelo dinheiro, que sempre buscar apagar a memória e o sentimento de pertencimento e conectividade com as cidades e seus cidadãos.

O skate, mais precisamente o skate de rua, é um pedaço de mim. Digo isso porque ser um skatista integra aquilo que sou (não seria o que sou sem minha bagagem como skatista de rua), ao mesmo tempo em que levo um tanto disso para outras coisas que faço, mas não me limito a ser somente um skatista. (Theo Barbosa)³⁹



Figura 17 - Skatistas descendo a rua Consolação sentido Praça Roosevelt no Dia mundial do Skate. Foto: Marcelo Mug (blackmediaskate.com). Junho/2015

³⁹ Entrevista realizada no mês de outubro com o skatista Theo Barbosa, 26 anos. Skatista não profissional.

Conclusão

Cada vez mais e mais o skate para mim está muito, mas muito além de acertar manobras cabulosas. Com isso não quero dizer que as coisas se excluem, muito pelo contrário, um depende totalmente do outro. Uma coexistência embrionária bivitelina, saudável e inspiradora. A atitude que se deve ter para começar, e continuar, a andar de skate molda a personalidade do ser humano para o resto de sua vida. De uns anos para cá o skate tem se perdido tanto em modas, estéticas, o que é true, o que é zuado... que no fim, o que realmente importa, que é sentir aquela alegria louca de conseguir dar o primeiro ollie na calçada de casa, tá cada vez mais raro...(Flavio Samelo)⁴⁰

Foi interessante enxergar o skate como uma forma de expressão urbana, uma expressão artística que, por meio dessa característica, subverte o tempo e o uso do cotidiano em uma cidade grande como São Paulo – “Eles querem, afinal, é desestabilizar aquilo que está constituído nas paisagens com outros ritmos e experiências. Um flanar. Uma caça interminável pelos picos.” (Giancarlo Machado, Flanights⁴¹) -, pois essa percepção da prática não é majoritária entre os diversos skatistas - não conscientemente como já mencionado -, portanto difícil de torná-la material para a pesquisa. Essa investigação se fez mediante uma análise acurada sobre várias assertivas sobre o que o skate significa para seus praticantes, como essa atividade se desenvolve no espaço considerado público e se eles percebem essas contradições socioespaciais da cidade – porque muitos pensam que esses domínios/privações, esses espaços abandonados ou revitalizados fazem parte das mudanças características de uma cidade e que pouco podem fazer em relação a isso, contudo quando respondem perguntas básicas sobre o universo do skate deixam escapar uma análise crítica do espaço de um modo implícito, sem qualquer esmero intelectual ou conceitual sobre essas questões -; O recorte da pesquisa – o centro velho da cidade de São Paulo – foi essencial para obtermos as concepções que os skatistas possuem sobre o espaço público, pois a imagem, a simbologia que o centro histórico passa é a do espaço que pode ser de encontro, pode ser de disputa, de reivindicações e que muitos só observam essa qualidade nesse local; por conta, também, desse espaço possuir uma concentração de equipamentos públicos (culturais, comerciais) e uma concentração de tribos urbanas como os roqueiros, o pessoal do hip hop, do teatro, do circo etc. Sendo assim, foi nesse rastro que eu busquei validar essa percepção e torná-la sincera academicamente como também para os skatistas que se dispuserem a ler e se inspirar.

⁴⁰ Trecho do editorial da Revista Vista, edição número 74, feito por Flavio Samelo. 2017.

⁴¹ Produção audivisual de skate realizada somente no período noturno, com direção do coletivo “Flanantes”, encabeçado pelo skatista Murilo Romão. 2017. Giancarlo Machado fez a apresentação textual do vídeo.

Esse pedaço de mim (o do skate) é aquele que promove um outro olhar para a cidade, e isso é o que mais me fascina e interessa. Esse olhar (que injustamente é o único sentido atribuído a outra abordagem do mundo) é na verdade uma outra forma de acessar meu corpo, eu seus limites e possibilidades. A trepidação, as texturas, os ritmos, os impactos, os sons e diversas outras variáveis fazem com que estar sob um skate seja uma experiência única. (Theo Barbosa)⁴²

O universo do skate traz a possibilidade de conversar e aproximar duas áreas que conversam com a realidade urbana: geografia e arte. A primeira trazendo todo o aporte espacial e crítico dessa condição, o espaço geográfico - espaço onde o homem vive, se realiza, se reproduz, produz mais espaço e reproduz esses espaços também; “O espaço não é nem o ponto de partida (espaço absoluto), nem o ponto de chegada (espaço como produto social)” (Corrêa, 2002; 25) - e a segunda trazendo uma de suas facetas que é a de decifrar o mundo – mundo moderno – por meio de poemas, de músicas, de simbologias e de contribuir com esse mundo por meio de suas subjetividades, de seu apuro que provoca, embeleza, revolta e seduz toda a sociedade, sobretudo, nesse trabalho, com as análises de Walter Benjamin sobre o *flâneur* de Baudelaire. O skate conecta seus praticantes nesses dois mundos, os skatistas dependem e se beneficiam da geografia da cidade, *geografiza* os espaços a partir do momento que não os qualifica como intocáveis, como sagrados ou como desprezíveis, participa do caos e ao mesmo tempo consegue se manter distante, de observar a multidão, de não perder a “áurea” (não a áurea sagrada, divina, hierarquizada, mas a que não se sujeita ao ritmo mecânico) que confere outra experiência a esses sujeitos sociais (como os *flâneurs*); e dentro dessa conformação ele se expressa socialmente sem negligenciar de uma preocupação estética, visual para um registro fotográfico, para um elogio dos companheiros de sessão ou mesmo para avaliação própria: a manobra bem finalizada (“nas quatro” referente ao skate voltar ao chão com as quatro rodinhas simultaneamente), o estilo do skatista (como estão posicionados seus braços, suas roupas, seu jogar de pernas) e o local onde foi aplicado todas essas variáveis.

Skatistas não precisam de mapas. Para que se localizar quando o melhor de uma sessão é a chance de se perder? Se perder nas manobras, se perder no tempo, se perder nas ruas. Sair pela cidade e, de maneira desprestensiosa, encontrar um tesouro. Tesouro este que para muitos pode ser um lixo, algo desprezível, mas que se torna valioso sob as vontades dos skatistas, como um pico com demasiadas possibilidades. Por meio de seus impulsos eles ganham velocidades,

⁴² Entrevista realizada no mês de outubro com o skatista Theo Barbosa, 26 anos. Skatista não profissional.

observam situações, interagem com estranhos, entram em conflitos e, quando bem sucedidos, acertam suas manobras e dão vida aos espaços públicos.⁴³

Em certos momentos da pesquisa surgiram dúvidas acerca da necessidade de expor essa faceta da prática do skate, de torná-la teórica e conceitual, e após boa parte do processo empírico - das conversas com skatistas e simpatizantes do meio, de frequentar eventos e campeonatos – a dúvida aumentou, pois notou-se que a atividade além de não seguir qualquer padrão, qualquer regra pré-concebida, para muitos é apenas uma forma de recreação, de encontrar os amigos, de fugir até mesmo dessas discussões sobre como cada atividade desenvolvida na cidade necessita de uma teorização, de uma validação teórica para ser atrativa – a questão da geração atual, suas reivindicações diversificadas e singulares, que está em voga e que discute a necessidade de problematizar todos os assuntos contemporâneos - e essa questão foi de encontro à hipótese de todo o estudo. O olhar sobre o skate esmiuçado na pesquisa (estou implicado por ser praticante e autor) tende a ser diferente do comum justamente por ter surgido após um estudo relativamente longo da realidade urbana na faculdade, especificamente no curso de Geografia – já existe um recorte social/cultural a partir do momento em que poucos jovens têm a possibilidade de cursar o ensino superior em nosso país – e que alterou a própria forma de andar de skate do autor que se viu com um olhar já viciado e objetivado sobre a relação entre o skate e a cidade; sabendo que esse olhar não é mais correto que os outros olhares e que não possui a missão de colonizar conceitualmente outros praticantes, admitindo ainda uma perda na espontaneidade do *ser skatista* que revelará opiniões como: “mas ele teoriza, escreve mais sobre o skate do que propriamente o pratica”, o universo do skate possui a qualidade de conseguir agregar todos esses entendimentos sobre a atividade, conceder a liberdade para cada skatista seguir e trilhar seu caminho, como também o universo acadêmico, e sua produção intelectual, possui a função e a condição de averiguar essas práticas sociais/espaciais e tirar suas conclusões.

Sendo assim, esse trabalho buscou contribuir com apenas uma concepção alternativa sobre a prática a fim de uma amplitude na percepção acerca dessa expressão urbana; e que por meio dos rastros e vestígios deixados nas entrelinhas dos significados do skate para alguns skatistas, dos comentários ouvidos em cada sessão, das reclamações acerca da proibição da prática em determinados locais, das capas de revistas, dos vídeos imortalizados por toda sua

⁴³ Apresentação textual feita por Giancarlo Machado para a produção audiovisual de skate denominada “Flanantes”, realizada por Murilo Romão, skatista profissional. 2016.

estética, por skatistas imortalizados por seus estilos e por suas personalidades conseguiu conexões que puderam alimentar e dar consistência ao aspecto insubordinado do skate em um espaço que cada dia mais anestesia seus cidadãos e priva suas possibilidades subjetivas como a cidade de São Paulo.

Expanção (sic) modular

a conexão entre skate arte é real
abstração visual em ação
skate é mental, é físico
arte é físico, é mental

sair da caixa que tem contém
conter o fora das caixas
nasce no skate, evolui na galeria
cresce na rua, expande nas memórias

vivência, experiência e liberdade
somatória para criação original
simples, sem pretensão, é execução
indo além das formalidades

começa com a fotografia, anda de skate
constrói o pico, anda no pico
registra a utilidade da originalidade
cresce na rua, expande nas memórias⁴⁴

⁴⁴ Texto desenvolvido por Renato Custódio, skatista, fotógrafo e artista, para a Revista Vista, edição 71. 2017.

Referências bibliográficas

- ALVAREZ, Isabel Aparecida Pinto. As políticas espaciais contemporâneas e a reprodução do capital e do urbano. Grupo de estudos urbanos - Revista Cidades v. 09 n. 16. São Paulo: UNESP, 2012.
- ALVES, Glória da Anunciação. O uso do centro da cidade de São Paulo e sua possibilidade de apropriação. (Tese de Doutorado). São Paulo, Universidade de São Paulo, 2010.
- BAUDELAIRE, Charles. As Flores do mal. Edição bilíngüe. Tradução de Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BENJAMIN, Walter. Obras Escolhidas III: Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo. Tradução: J. C. M. Barbosa e H. A. Baptista. São. Paulo, Brasiliense, 1994.
- CARLOS, A. F. A. A Cidade. 6 ed. – São Paulo: Contexto, 2001. – (Repensando a Geografia).
- CARLOS, A. F. A. O Espaço Urbano: Novos Escritos sobre a Cidade. São Paulo: FFLCH, 2007, 123p.
- CARLOS, A. F. A. O poder do corpo no espaço público: o urbano como privação e o direito à cidade. GEOUSP – Espaço e Tempo São Paulo v. 18 n. 2 p. 472-486, 2014.
- CORRÊA, R. L. Espaço: um conceito-chave da Geografia. Geografia: conceitos e temas/organizado por Iná Elias de Castro, Paulo Cesar da Costa Gomes, Roberto Lobato Corrêa. 4ª ed. – Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2002.
- FRÚGOLI JR, Heitor. São Paulo: espaços públicos e interação social. São Paulo, Ed. Marco Zero, 1995.
- KANT, Immanuel, Resposta à pergunta: o que é o iluminismo, in A paz perpétua e outros opúsculos, Lisboa, Edições 70, 1990.
- LEFEVBRE, Henri. O direito à cidade. São Paulo. Ed. Anthropos, 1968.
- LEFEBVRE, Henri. Espaço e Política. Belo Horizonte. Ed. UFMG, 2008.
- MACHADO, Giancarlo Marques C. De carrinho pela cidade: A prática do street Skate em São Paulo. (Dissertação de Mestrado). São Paulo, Universidade de São Paulo, 2011.
- MASSAGLI, Sergio Roberto. Homem da multidão e o flâneur no conto “O Homem da multidão” de Edgar Allan Poe. Paraná, UEL, Terra Roxa e outras terras – Revista de estudos literários, jun. 2008.

NARCISO, Carla Alexandra Filipe. Espaço público: acção politica e práticas de apropriação. Conceitos e procedências. Rio de Janeiro, Revista de Psicologia (UERJ), 2009.

RIO, João do. A alma encantadora das Ruas. Acervo Digital: Fundação Biblioteca Nacional, 1910. 115p. Disponível em: http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/livros_eletronicos/alma_encantadora_das_ruas.pdf

SANTOS, C.N.F dos (coord.). Quando a rua vira casa. A apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro. Rio de Janeiro, IBAM/FINES, 1981.

SILVA, Franklin Leopoldo e. Reflexões sobre o conceito e a função da universidade pública. São Paulo, Estudos avançados 15 (42), 2001.

Sites

www.acidadeinvisivel.wordpress.com/2013/03/31/revitalizacao-urbana-praca-roosevelt/
[www.bestiario.com.br/ohomemdamultidão](http://www.bestiario.com.br/ohomemdamultidao) (Revista de contos)
www.marxists.org/portugues/marx/1844/manuscritos/cap02.htm
www.blackmediaskate.com
www.revispsi.uerj.br/v9n2/artigos/html/v9n2a02.html
www.skataholic.com.br
www.triboskate.ativo.com

Filmes

Curta-metragem: “Flanantes”, documentário, direção e edição: Murilo Romão. São Paulo, 2016

Curta-metragem: “Sob a aparente desordem”, documentário, direção e edição: Murilo Romão. São Paulo, 2016